



# informação arquivística

Periódico eletrônico da Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro



## EDITORIAL – 7ª EDIÇÃO

**A** publicação de um periódico científico, como o *Informação Arquivística*, só é possível através de um trabalho coletivo, que envolve a equipe do Conselho Editorial, as colaborações e pareceres do Conselho Consultivo e a participação de pesquisadores e professores que submetem seus trabalhos para avaliação. Além disso, a parceria com grupos de pesquisa e eventos científicos também tem proporcionado a disseminação de importantes contribuições para o conhecimento arquivístico.

Nesta edição apresentamos na seção *Artigos* os seguintes trabalhos: *A importância dos estudos de usuários na formação do arquivista*, de Gláucia Aparecida Vaz e Carlos Alberto Ávila Araújo, que busca demonstrar, de acordo com as atribuições e formação profissional dos arquivistas, de que forma as abordagens dos estudos de usuários podem contribuir para a melhoria das práticas profissionais; e *Abordagem da Nობrade nos currículos dos cursos de Arquivologia do Brasil*, de Bruno Machado Morais e Cynthia Roncaglio, que busca identificar e analisar se – e como – a norma brasileira de descrição arquivística é abordada nos currículos dos cursos de Arquivologia existentes no país.

Assim como ocorreu em 2014, quando publicamos os trabalhos premiados do VI Congresso Nacional de Arquivologia (CNA) daquele ano, na seção *Comunicação* apresentamos um trabalho premiado na I Semana dos Estudantes de Arquivologia: *The Americans e o fenômeno informacional na produção de arquivos*, de André Januário da Silva e Valéria Cristina Lopes Wilke, que objetiva discutir o fenômeno informacional na contemporaneidade e sua inserção na produção de arquivos, recorrendo à discussões presentes na área da filosofia da informação. O evento, realizado entre os dias 28 e 30 de setembro de 2015 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), foi organizado pelo Diretório Acadêmico de Arquivologia “José Pedro Esposel” (DACAR), com apoios da Escola de Arquivologia e do Departamento de Estudos e Processos Arquivísticos (DEPA) da UNIRIO. Em sua primeira edição teve como tema “Classificação, Avaliação e Conservação de Documentos” e buscou enriquecer o conhecimento e incentivar a produção científica dos estudantes do curso de Arquivologia. Foram realizadas palestras com especialistas e apresen-

tados oito trabalhos, na modalidade comunicação oral, distribuídos em três eixos temáticos: “Teoria e prática das funções arquivísticas”; “O uso de novas tecnologias na gestão documental”; e “Memória, Cultura e Documento”.

Na seção *Tradução*, contamos novamente com a inestimável contribuição do grupo de pesquisa Fundamentos Históricos, Epistemológicos e Teóricos da Arquivologia (FHETA) da Universidade de Brasília (UnB), que nos apresenta *Arquivos acadêmicos: retrospectiva e perspectiva*, tradução para o português do texto de Nicholas C. Burckel, dos EUA, que compõem um dos capítulos do livro *College and University Archives*, organizado por Christopher J. Prom e Ellen D. Swain.

Continuamos em nosso trabalho para ampliar a divulgação da literatura em Arquivologia e esperamos que todos tenham uma boa leitura.

Saudações arquivísticas!

**Conselho Editorial**

*Aluf Alba Vilar Elias*

*Lucina Ferreira Matos*

*Roberto Lopes dos Santos Junior*

*Vanessa de Arruda Jorge*

*Wagner Ramos Ridolphi*

*Welder Antônio Silva*

## A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DE USUÁRIOS NA FORMAÇÃO DO ARQUIVISTA

Gláucia Aparecida Vaz<sup>1</sup>  
Carlos Alberto Ávila Araújo<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho é parte de um projeto de mestrado em Ciência da Informação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O presente estudo busca demonstrar, de acordo com as atribuições dos arquivistas, sua formação profissional e suas práticas profissionais, de que forma as abordagens dos estudos de usuários podem contribuir para melhoria dessas práticas. Procura demonstrar, também, as mudanças de seu papel dentro da sociedade diante de novas demandas informacionais. Abre, ainda, reflexões sobre a Lei de Acesso e a realidade brasileira. Apresenta, por fim, um histórico dos estudos de usuários dentro da Arquivologia, e procura demonstrar as contribuições desta disciplina para a efetividade das políticas de acesso.

**Palavras-chave:** Arquivologia. Estudo de usuários. Políticas de acesso. Formação do arquivista.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em Ciência da Informação na Universidade Federal de Minas Gerais, intitulado *A importância dos estudos de usuários na formação do arquivista*. Será apresentado, a seguir, parte dos resultados obtidos. Neste período de transição de um paradigma custodial para um paradigma de acesso, as discussões sobre a composição curricular dos cursos de Arquivologia no Brasil têm se tornado cada vez mais frequentes.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciência da Informação na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: glaucia-vaz@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Teoria e Gestão da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: casalavila@yahoo.com.br.

As reflexões dos currículos dos cursos de Arquivologia no Brasil iniciaram-se em 1995, na I Reunião Brasileira de Ensino em Arquivologia, organizada por José Maria Jardim e Maria Odila Fonseca, e mais tarde transformou-se em Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ), tendo sua primeira edição em 2010, retomando as discussões sobre composição do currículo e formação profissional (MARQUES; RONCAGLIO; RODRIGUES, 2011).

Desde então, inúmeros estudos sobre o tema foram realizados. Houve uma revisão de literatura dos principais estudos sobre o tema, procurando observar a presença de disciplinas voltadas para os estudos de usuários. Percebeu-se que esta disciplina é oferecida em poucos cursos, compondo, em alguns casos, um “tronco comum” com o curso de Biblioteconomia, deixando de abordar necessidades específicas dos usuários de arquivos. É importante destacar que grande parte dos cursos ainda estão concentrados nas reformas de seus currículos, buscando uma “harmonização” entre os cursos em todo o país, respeitando as especificidades regionais.

Também foram consideradas, para a composição dessa pesquisa, a lei nacional referente à regulamentação da profissão de arquivista, Lei nº 6.546 (BRASIL, 1978); a Lei de Acesso à Informação (BRASIL, 2011a); a Lei de Arquivos (BRASIL, 1991); a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), onde aparece pela primeira vez a garantia de acesso à informação como direito fundamental; e as disposições da Constituição Federal de 1988, no inciso XXXIII do artigo 5º, que prevê que todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo, ou geral, que serão prestados no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo sejam imprescindíveis à segurança da sociedade e do Estado (BRASIL, 1988).

Neste estudo, busca-se demonstrar, de acordo com as atribuições dos arquivistas, sua formação profissional e práticas profissionais, de que forma as abordagens dos estudos de usuários podem contribuir para melhoria dessas práticas.

## **2 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS DA PESQUISA**

Dentro dessa concepção, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar como se estruturam as disciplinas sobre estudos de usuários nos dezesseis cursos de

Arquivologia do Brasil e investigar de que forma podem colaborar para ampliar o acesso aos arquivos. Como objetivos específicos, delineou-se:

- avaliar se a atual estrutura das disciplinas sobre estudos de usuários atendem às necessidades específicas da Arquivologia;
- conhecer a visão dos professores que ministram disciplinas sobre estudos de usuários;
- demonstrar de que forma os estudos de usuários podem contribuir para a promoção do acesso;
- avaliar os impactos da Lei de Acesso à Informação nas práticas arquivísticas;
- apresentar novas propostas de mediação e difusão da informação em arquivos;
- compreender as diferenças no uso e nos usuários de arquivos.

### 3 METODOLOGIA

Para avaliar a inserção, a estrutura e a importância das disciplinas voltadas para a temática de estudos de usuários nos cursos de Arquivologia do país, buscou-se primeiro localizar e entrar em contato com os coordenadores dos cursos ou com os professores responsáveis em ministrar essas disciplinas. Na época da pesquisa, realizada entre 2013 e 2015, haviam dezesseis cursos de Arquivologia no país, mas apenas oito aceitaram participar da pesquisa: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp/campus Marília), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Para a coleta de dados, optou-se pela aplicação de entrevista semi-estruturada, composta por dezessete questões que abordavam temáticas desde conceitos sobre Arquivologia e arquivística até temáticas mais atuais, como por exemplo, o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação e o atendimento aos usuários remotos.

Após a coleta dos dados, foi realizada uma sistematização e, em seguida, a análise das entrevistas por meio da avaliação das categorias criadas a partir do conteúdo coletado.

#### 4 O PROBLEMA DE PESQUISA

As discussões sobre a composição curricular dos cursos de Arquivologia no Brasil têm se tornado cada vez mais frequentes. Diversos trabalhos vêm sendo desenvolvidos no Brasil, desde 1995, com a I Reunião Brasileira de Ensino em Arquivologia, que inaugura a produção de pesquisa voltadas para a formação do arquivista no país. Os trabalhos apresentados até o momento buscam mapear as contribuições de área correlatas à Arquivologia na sua estruturação curricular. Este estudo pretende, portanto, voltar-se para análise de uma disciplina para demonstrar sua estrutura atual e de que forma ela pode ajudar na efetivação de políticas de acesso. De acordo com Jardim (1999), existem poucos estudos sobre estudos de usuários em arquivos. A ausência de manuais que tratem da temática também é destacada pelo autor, que chama a atenção para a necessidade de abertura de uma agenda de investigação mais profunda sobre o assunto. O que se pretende é desenvolver um material que possa ser utilizado para um aprofundamento da temática na área.

O papel que o profissional de arquivo exercia na sociedade tomou um novo formato, para além do tratamento dos arquivos, inicialmente os permanentes em seguida os arquivos correntes e intermediários. Sua função atinge uma nova dimensão e o arquivista passa a interagir com toda a estrutura organizacional das instituições, atuando como gestor da informação arquivística, com o objetivo primordial de atender à administração, mas também de zelar e proteger a memória e a cultura nacionais, além de produzir conhecimento através de pesquisas científicas. (MARIZ, 2012, p. 12).

O arquivo é uma unidade de informação conectada com a sociedade ao qual pertence e compõe cada vez mais um sistema complexo e interconectado. Por ser uma unidade de informação conectada e integrada à comunidade que o cerca, é extremamente necessário ao campo compreender, ou até mesmo criar metodologias que possam atender cada usuário, dentro das especificidades de cada um. A abertura dos arquivos e a criação de uma Lei de Acesso fazem com que o arquivo abra suas portas e janelas para um novo horizonte. No Congresso Internacional de Arquivos de 1996, Ketellar já assinalava a

necessidade de os profissionais abrirem as janelas dos depósitos arquivísticos e do pensamento profissional, que deveria dirigir suas práticas para os usuários (KETELLAR, 1996).

Nota-se então que há muito tempo os profissionais de arquivos e pesquisadores da área vêm chamando a atenção para a necessidade de se reconhecer o usuário como fator primordial em todo o processo da gestão documental. Há uma emergência em realizar estudos voltados para as especificidades dos arquivos, que se diferencia de outras unidades de informação. Os avanços tecnológicos fazem que o arquivo saia do “seu lugar” (JARDIM, 1999), cria novos tipos de usuários, o desenvolvimento de novas práticas profissionais, transformando o arquivo em uma unidade dinâmica.

O arquivista hoje exerce a função de mediador, promovendo a relação entre sujeito (cidadão) e objeto (informação) (BATISTA, 2014). A mediação cultural consiste em construir um ambiente agradável e familiar para o sujeito para que ele possa absorver ao máximo as potencialidades de seu objeto, procurando dessa forma sanar as necessidades de informação dos usuários. Indo um pouco mais além, consiste em entender as necessidades que não são explicitadas pelo usuário. Considera-se, neste trabalho, que as metodologias dos estudos de usuários podem ajudar de forma positiva na construção de todo esse processo.

## **5 O ACESSO AOS ARQUIVOS: CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA**

A pesquisadora Menne-Haritz (2001) coloca como ponto crucial para a mudança de um paradigma custodial para um pós-custodial o fim das divisões entre blocos socialistas e comunistas no mundo. No Brasil, podemos tomar como referência os avanços em relação ao acesso à informação obtidos com o fim do regime militar. A abertura dos arquivos só foi possível após a abertura política de muitos países, visto que grande parte dos documentos era de responsabilidade da administração pública, ficando a cargo do governo criar suas políticas de acesso.

A partir dessas mudanças estamos diante de um novo paradigma, que Menne-Haritz chama de “paradigma do acesso”, que surge “transformando o lugar das diferenças, entre passado e futuro dentro do pensamento arquivístico” (MENNE-HARITZ, 2001, p. 60,

tradução nossa). As investigações, interpretações e combinações de dados dentro do arquivo produzem informação em forma de novo conhecimento, procurando responder as questões do usuário.

O objetivo é o uso. Precisamos estar sempre atentos a esse fato. Identificação, aquisição, descrição e todo o resto são simplesmente os meios que usamos para atingir essa meta. Eles são ferramentas. Precisamos empregar todas essas ferramentas habilmente, mas se, após avaliar meticulosamente, arranjar, descrever e conservar nossos documentos, ninguém vem para usá-los, então nós desperdiçamos nosso tempo. (COUTURE, 2003, p. 379).

De acordo com Costa (2011, p. 22), “o acesso é elemento indispensável para se compreender a relação entre instituição arquivística e usuário”. Taylor (1984) considera que o mais importante serviço de uma instituição arquivística pode proporcionar é a disponibilização dos materiais demandados pelo usuário.

Os arquivos nasceram com a força de uma representação da herança cultural de uma nação (os arquivos nacionais) e com a promessa de preservação dos registros dos acontecimentos “do presente e do futuro”, evitando, assim, que se somassem à coleção de ruínas do passado. “O respeito creditado aos arquivos nacionais advém da função de guardião dos documentos produzidos pelo estado, por conseguinte, responsável pela proteção dos direitos e interesses do povo neles registrados”. (COSTA, 2011, p. 23).

Os historiadores e os processos de investigação histórica pressionaram a abertura dos arquivos para consulta à suas coleções. O interesse cultural foi o baluarte dos historiadores para impor a abertura dos arquivos. A partir de 1830, a *École des Chartes* abriu cursos de paleografia e diplomática promovendo o que Silva et al. (1999) denominaram “movimento de renovação da historiografia [...] e graças ao qual se assiste a uma forte valorização das fontes históricas e da pesquisa nos arquivos”. (SILVA et al., 1999, p. 108). Segundo Costa (2011, p. 24), “[...] até a primeira metade do século XX não se observam mudanças substantivas com relação à abertura dos arquivos ao público. O direito à informação só foi cogitado em 1948, com a publicação da Declaração Universal dos Direitos do Homem pela Assembleia Geral das Nações Unidas”.

Conforme o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de dezembro de 1948: “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este

direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”.

A Declaração dos Direitos do Homem representou a formalização legal do acesso à informação, porém, ainda ficou a cargo de cada nação regulamentar como se dará o acesso. O acesso passa a ser então um “acordo” estabelecido entre o Estado e o povo.

Mas, de modo geral, de acordo com Costa (2011, p. 24), quando se fala de “acesso a informações de arquivo, o direito do cidadão encontra limitações em todos os países, uns mais, outros menos”. Segundo Duchein (1983, p. 7), as restrições mais comuns decorrem de obrigações do Estado, tais como:

- resguardar o direito dos cidadãos a respeito de sua vida privada;
- proteger a segurança dos estados e suas relações multilaterais e bilaterais;
- garantir ordem pública e a segurança dos cidadãos e, em particular, de perseguir os culpados por crimes e delitos e impedir-lhes que prejudiquem a sociedade;
- proteger a propriedade intelectual;
- proteger o segredo industrial e comercial;
- garantir o direito de livre uso dos bens privados por seus proprietários em se tratando de arquivos privados.

Diferentemente de registros documentais encontrados em bibliotecas e museus, os documentos de arquivo produzidos por autoridade pública no exercício de suas funções devem ser administrados pelo Estado. Compete então ao Estado interferir na administração desses documentos sob o argumento da proteção a intimidade, ao bem-estar do cidadão, da defesa nacional e da propriedade intelectual. Os arquivos públicos são gerados primeiro por necessidades administrativas e de governo e não para servir de fonte de informação à terceiros. Então, de acordo com este raciocínio, a função de disponibilizar informação para a população seria uma função secundária dos arquivos. (COSTA, 2011, p. 24)

Com base na Constituição de 1988, Bastos e Araújo (1989), criaram um quadro com o objetivo de demonstrar as garantias reais de acesso possíveis de acordo com a legislação brasileira.

**Quadro 1:** Realidade jurídica documental, com base na Constituição da República Federativa do Brasil.

<b>Tipo</b>	<b>Característica</b>	<b>Acesso</b>
Arquivo de documentos governamentais	Documentos produzidos por autoridade pública	Consulta franqueada nos termos da lei
Arquivo de documentos patrimoniais (de valor histórico)	Documentos públicos de importância histórica produzidos por autoridade pública	Acesso pleno (constitucional)
Arquivo público de informações cadastrais privadas	Cadastro de referência de atos individuais privados de efeitos públicos	Sigiloso Acesso ao cadastro
Arquivo público de informações de interesse para a segurança do Estado e da sociedade	Cadastro de referência e dados do governo	Sigiloso
Banco de dados de informações cadastrais privadas	Cadastro de caráter público sobre atos individuais privados de efeitos sociais	Sigiloso Aberto ao cadastro

Fonte: BASTOS; ARAÚJO, 1989, p. 27.

Desde a criação deste quadro, em 1989, houve algumas mudanças significativas no cenário de acesso à informação no país. Em 2000, a Lei de Responsabilidade Fiscal (Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000) começaria a mudar a forma como a administração pública deveria se comportar em relação a divulgação de seus atos.

Em 2009, a Lei Complementar nº 131, de 27 de maio de 2009, acrescenta dispositivos à Lei Complementar nº 101, estabelecendo procedimentos de divulgação de despesas e receita para conhecimento da população.

Após nove anos em tramitação no Congresso, a Lei de Acesso à Informação (Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011) foi aprovada, representando a adesão do país a um novo regime de informações, demonstrada pela adesão de vários países nesse sentido. É interessante destacar aqui que, na mesma data de promulgação da Lei de Acesso à Informação, também foi promulgada a Lei de Criação da Comissão Nacional da Verdade (BRASIL, 2011b), com o intuito de abrir os arquivos de processos do período da ditadura militar brasileira (1964-1985).

O arquivista deve atuar, portanto, como mediador. A mediação cultural, então, é uma ação de produção de sentido, que se contrapõe à intermediação e à transmissão neutra de signos. O arquivista, assumindo sua postura de mediador, coloca o sujeito (cidadão) e o objeto (informação) em uma relação em que o sujeito não se sinta estranho ao objeto, tornando esta relação mais “familiar”.

Ainda há muito o que avançar neste sentido, mas a regulamentação de uma lei de acesso à informação é um prenúncio de uma vontade de caminhar rumo à promoção de cidadania e de concretização de uma democracia plena.

Honório e Damasceno (2006 apud COSTA, 2011, p. 28) consideram prejudiciais os limites burocráticos a que são submetidos os arquivos públicos, tais como: horário de atendimento limitado ao horário comercial; deficiência dos instrumentos de controle intelectual dos fundos arquivísticos depositados nos arquivos permanentes; deficiências na interação entre arquivo público, custodiador dos documentos de valor permanente, e administração pública, produtora e responsável pelos documentos em fase corrente e intermediária; falta de espaço físico e condições adequadas de armazenamento e preservação; carência de infraestrutura para atendimento ao usuário. Costa (2011) ainda destaca que se soma a esses fatores a falta de infraestrutura dos arquivos públicos, comum em países como o Brasil, para a organização dos seus acervos.

Outro fator importantíssimo levantado por Costa (2011) é a falta de habilidade do usuário em utilizar os instrumentos de recuperação da informação nos arquivos: guias, catálogos, inventários e índices. Esses instrumentos de pesquisa são obras complexas, especializadas e de difícil elaboração, a ponto de não serem inteligíveis aos usuários de arquivo. É por isso que o arquivista deve se sentir responsabilizado por essa incompreensão das ferramentas que elabora. Cabe ao profissional de arquivo o treinamento do seu usuário para possibilitar que ele tenha acesso pleno à todas as informações disponíveis.

Diante do que foi exposto, fica claro que, nos últimos anos, o Brasil avançou no processo de democratização da informação. A implantação de leis e normas para que os arquivos se voltem para a questão do acesso é essencial. Mas é preciso que o governo haja buscando ferramentas para que a lei de fato funcione. Além de problemas burocráticos, ainda existentes, a falta de estrutura e de profissionais qualificados ainda são fatores impeditivos importantes na questão do acesso. A necessidade de criação e aplicação de políticas de preservação e de conservação dos acervos dos arquivos também é emergencial. Este momento é propício para buscas de soluções e renovação da esperança de um país que desfruta de uma democracia de fato e de direito.

## 6 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Dos dezesseis cursos investigados no período de 2013 a 2015, apenas um, oferecido pela Universidade Federal Fluminense (UFF) não oferta uma disciplina voltada para estudos de usuários em seu currículo. A disciplina é ofertada como obrigatória nos cursos das seguintes universidades: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp/campus Marília), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É ofertada na modalidade optativa na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), na Universidade de Brasília (UnB), na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Em dois cursos, são ofertadas duas disciplinas voltadas para a temática dos estudos de usuários: na UFBA, com as disciplinas “Marketing em serviços de informação” e “Ação cultural e educacional nos arquivos”; e na UFES; onde são ofertadas as disciplinas “Estudo de público da Informação” e “Estudo de Usuário”. A duração das disciplinas em todos os cursos varia de 30 a 60 horas.

Essas disciplinas aparecem sob diversas denominações: além da expressão “Estudos de Usuários”, aparecem também em seus títulos as palavras “Marketing”, “Difusão”, “Usuários da Informação” e “Estudo de Público”.

Após análise do conteúdo das entrevistas, foram elaboradas onze categorias: 1) Habilidades profissionais; 2) Formação acadêmica; 3) Harmonização dos currículos; 4) Acesso; 5) Sociedade e arquivo; 6) Ações de marketing e mediação cultural; 7) Uso e usuários de arquivos; 8) Usuário remoto; 9) Desenvolvimento dos estudos de usuários na Arquivologia; 10) Contribuições dos estudos de usuários para a Arquivologia; e 11) Bibliografia para estudos de usuários.

Na categoria “Habilidades profissionais”, foram relatadas quais as habilidades profissionais que o arquivista deve ter para atender às demandas da sociedade atual. As habilidades consideradas como fundamentais foram de gestor, capacidade de dialogar com a sociedade e com outras áreas de conhecimento.

A categoria “Formação Acadêmica” buscou avaliar se a formação atual oferecida nas universidades, na visão dos entrevistados, consegue atender às demandas e habilidades profissionais exigidas pelo cenário atual. Dos oito entrevistados, três responderam que consideram que o curso, na sua situação atual, em suas respectivas universidades, consegue formar profissionais capazes de atender a todas as demandas exigidas do arquivista. Os demais consideram que os cursos ainda não preenchem todas as lacunas.

A categoria “Harmonização dos currículos” avalia a resposta dos entrevistados em relação à posição de cada um diante de uma proposta de harmonização entre os currículos dos cursos de Arquivologia no país. Todos os entrevistados veem a harmonização entre os currículos dos cursos de Arquivologia de maneira favorável, porém, com ressalvas, destacando a importância de respeitar as especificidades regionais.

A categoria “Acesso” demonstra quais são as barreiras que dificultam o acesso aos arquivos para os usuários atualmente e demonstra também seus relatos a respeito dos impactos ou avanços na área em decorrência da aprovação da Lei de Acesso à Informação em 2011. Foram consideradas como barreiras que dificultam o acesso a falta de profissionais qualificados atuando nos arquivos, instrumentos de pesquisa muito complexos e a limitação de dias e horários para atendimento.

A categoria “Sociedade e arquivo” surge quando quatro entrevistados apontaram como veem hoje a relação da sociedade com os arquivos e com os documentos dos arquivos, identificando, na opinião deles, uma sociedade que ainda desconhece sobre seus direitos de acesso à informação.

A categoria “Ações de marketing e mediação cultural” analisou as respostas dos entrevistados quando questionados sobre o que o arquivista poderia fazer para diminuir esse desconhecimento atribuído à sociedade, de forma mais específica, ao cidadão comum em relação aos arquivos. Dos oito entrevistados, sete apontaram as ações de divulgação dos serviços dos arquivos através de todas as ferramentas disponíveis e ainda a implementação de ações de mediação cultural, buscando iniciar um processo de educação de usuários desde os primeiros anos escolares.

A categoria “Uso e usuários de arquivo” engloba a visão dos entrevistados a respeito das diferenças entre o uso e usuários da informação arquivística. Os oito

entrevistados acreditam que existe diferença entre os usuários de um arquivo, o uso que fazem da informação, e que cada um tem uma necessidade diferente que deverá ser atendida pelo arquivo. Os entrevistados relataram que essas diferenças se estendem aos usuários de arquivos de acordo com a idade do acervo: corrente, intermediário e permanente.

A categoria “Usuário remoto” reúne a opinião dos entrevistados sobre as mudanças que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s) têm feito na Arquivologia, de forma especial, nos serviços dos arquivos, com a chegada de um novo usuário, o usuário remoto. Todos os entrevistados afirmam que essas novas tecnologias trazem mudanças para a Arquivologia, e que a mudança é essencial para acompanhar novas formas de ter acesso à informação. Os avanços das tecnologias de informação e comunicação têm impulsionado mudanças em unidades de informação de modo geral já há algum tempo. Várias iniciativas têm sido realizadas procurando aproveitar ao máximo as potencialidades da Web, como por exemplo os repositórios digitais. Este tipo de iniciativa, que foi possibilitado através principalmente da internet, transformou de forma drástica a comunicação científica. A internet possibilitou ainda a parceria entre pessoas que jamais se encontraram, mas que hoje podem se comunicar em tempo real de vários lugares do mundo.

Na categoria “Desenvolvimento dos estudos de usuários na Arquivologia”, cinco entrevistados acham que os desenvolvimentos desses estudos ainda se encontram em um estado incipiente, e atribuem isso a preocupação apenas com a parte técnica dos arquivos. Outros dois entrevistados acreditam que a temática sobre usuários não se encontra em estado incipiente na Arquivologia, mas afirmam que é preciso avançar.

Na categoria “Contribuições dos estudos de usuários para a Arquivologia”, todos os entrevistados acreditam que as metodologias dos estudos de usuários podem contribuir muito para melhorar o acesso aos arquivos. Destacaram ainda que os estudos de usuários em arquivos podem funcionar como um método de avaliação das instituições arquivísticas, mostrando dados que possibilitem mudar ou melhorar os serviços oferecidos.

A categoria “Bibliografia para estudos de usuários” buscou analisar a bibliografia utilizada nos seguintes aspectos: área de conhecimento e grau de dificuldade para encontrá-las. A bibliografia sobre usuários utilizada pelos professores entrevistados vem

da ciência da informação, biblioteconomia, e em menor número da Arquivologia, o que demonstra mais uma vez a necessidade de aprofundamento dessa temática.

## 7 PERSPECTIVAS

De acordo com a literatura apresentada sobre a temática dos estudos de usuários de arquivos e com os resultados obtidos a partir das entrevistas com professores e coordenadores dos cursos de Arquivologia, é possível perceber que:

- pesquisas sobre os estudos de usuários de arquivos ainda se encontram em um estado incipiente;
- a inserção das disciplinas com essa temática nos cursos podem contribuir de maneira significativa para o avanço dos estudos de usuários na Arquivologia;
- o arquivista deve apresentar características de um bom gestor, mas deve também atuar como mediador da informação;
- o arquivista é consciente da importância do acesso, porém suas práticas ainda estão mais voltadas para os documentos e para os sistemas;
- o estado tem parcela de responsabilidade nas dificuldades de acesso, mas é importante destacar que a compreensão das necessidades dos usuários é responsabilidade do arquivista;
- ações de difusão e marketing nos arquivos podem contribuir para diminuir a invisibilidade dos arquivos diante da sociedade;
- cada usuário apresenta uma necessidade, de acordo com cada tipo de arquivo. Apesar de uma preocupação das instituições em atender as determinações da Lei de Acesso à Informação no que diz respeito aos arquivos correntes com o acesso à documentação comprobatória, o arquivista deve fortalecer ações para que os arquivos históricos sejam também acessados pelos cidadãos comuns e não apenas por pesquisadores;

- as novas tecnologias deverão ser incorporadas para o aperfeiçoamento dos serviços que já são oferecidos, mas não devem ser consideradas como único recurso para alcançar os usuários;
- os estudos de usuários podem dar ao profissional a dimensão da complexidade de cada usuário e ajudá-lo a compreender o sujeito inserido em diversos ambientes sociais;
- os estudos de usuários podem contribuir para o desenvolvimento de ferramentas de busca mais eficientes e eficazes.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as considerações levantadas até aqui têm o intuito de nos levar a refletir sobre os avanços no pensamento arquivístico em seu arcabouço teórico e prático em relação ao acesso. Partindo da construção dos currículos dos cursos de nível superior, é evidente a necessidade de, além de serem flexíveis, manterem-se constantemente atualizados, observando-se as demandas do mercado de trabalho. O diálogo entre universidade e associações profissionais ainda está em um processo de construção, e o seu fortalecimento depende das ações dos profissionais da área. Deve-se, no âmbito acadêmico, se refletir, assim como já foi proposto nas teorias pós-críticas do currículo, sobre o privilégio de determinados grupos de disciplinas ou não. O currículo deve ser visto como reflexo das necessidades de uma sociedade e de seu contexto histórico. As deficiências na formação do arquivista, no que diz respeito à preocupação com o usuário, conforme apontado por Souza (2011), a preocupação com o objeto físico da informação, o suporte, hoje é apenas parte de todo um processo de gestão documental, e não uma prioridade nos fazeres profissionais.

As pesquisas sobre os currículos dos cursos de Arquivologia no país desenvolvidos até o momento demonstram que nos últimos vinte anos houve transformações significativas, apontando para um quadro de desenvolvimento bastante positivo. Essas transformações demonstram a mutabilidade do currículo e que os profissionais e os pesquisadores estão cada dia mais envolvidos e atentos com as novas demandas sociais. Além do aumento do número de cursos, que é perceptível desde o trabalho pioneiro de

Jardim (1999), quando existiam apenas quatro cursos, até o trabalho de Marques, Roncaglio e Rodrigues (2011), quando já são apresentados quinze cursos, incluindo o trabalho mais recente de Negreiros, Arreguy e Silva (2012), onde são avaliados os dezesseis cursos oferecidos atualmente, é notório o avanço da preocupação com a difusão da informação. No estudo de Marques, Roncaglio e Rodrigues (2011), apenas três universidades ofereciam disciplinas voltadas para estudos de usuários; hoje, apenas uma universidade ainda não incluiu essa temática em sua matriz curricular.

O acesso sempre foi preocupação do arquivista, mas com um foco mais voltado para a elaboração de ferramentas e organização do acervo do que propriamente com o usuário. Essa característica levantada por Jardim e Fonseca (2004) e se mostra em um cenário de imensas transformações. Se antes estes mesmos autores também detectaram uma baixa produtividade sobre o tema na área, hoje esses trabalhos estão sendo produzidos. A ausência de discussão sobre o usuário durante a graduação também está sendo contornada, o que refletirá em um aumento da bibliografia específica da área.

A função social do arquivista já está estabelecida desde a regulamentação da profissão em 1978. Além disso, várias associações profissionais em todo o mundo também reconhecem e estabelecem essa função como primordial no desenvolvimento de suas atividades. Essa pesquisa vem confirmar a sua importância como um transformador social no momento que é capaz de levar ao cidadão comum a informação de que precisa, e também a consciência de que os arquivos são parte do processo da construção de uma memória coletiva.

As áreas de atuação profissional são amplas e em cada instituição, seja pública ou privada, seja em arquivos permanentes, correntes ou intermediários, o arquivista deve agir como um gestor da informação, preocupando-se em todo o processo com sua atividade fim principal: o acesso. É necessário destacar que a preocupação com a custódia, ou com o documento, não significa excluir ou diminuir a preocupação com a difusão: na verdade, um complementa o outro.

No Brasil, a Lei de Acesso à Informação, não vem apenas consolidar direitos, mas oferece aos arquivos e, principalmente, aos profissionais a oportunidade de divulgarem os serviços oferecidos e de consolidarem o diálogo entre arquivo e sociedade, colocando o arquivo como instituição indispensável no estabelecimento de uma democracia plena.

As novas tecnologias não devem mais ser ignoradas, devem ser absorvidas pelas instituições a fim de dinamizar os serviços e criar outros capazes de atender o usuário remoto. O uso dessas tecnologias pode ajudar de maneira eficaz tanto a ampliação de possibilidades de acesso quanto a preservação e conservação do acervo. O marketing e a organização de exposições são ações que podem auxiliar na difusão da informação, principalmente no alcance do usuário potencial.

Se há vinte anos, o cenário sobre o avanço dos estudos de usuários na Arquivologia ainda se encontrava adormecido, hoje pode-se dizer que os arquivistas realizam todas as suas atividades para que as necessidades do usuário sejam atendidas. A compreensão do comportamento, dos processos cognitivos que envolvem uma busca de informação, são essenciais para a elaboração de políticas de acesso. A mediação da informação também é um termo que já faz parte do discurso arquivístico, possibilitando a criação de programas de treinamento capazes de atender as especificidades de cada usuário.

Diante disso, é inegável a contribuição dos métodos e técnicas dos estudos de usuários na formação do arquivista com um perfil mais dinâmico e envolvido com o meio onde atua. A aplicação desses métodos podem contribuir para a elaboração de ferramentas mais amigáveis, para o uso potencial e eficiente das novas tecnologias, para a divulgação dos acervos institucionais, para a ampliação das possibilidades de acesso, para o desenvolvimento de políticas de acesso, para a ampliação do conceito e dos tipos de usuários, para a criação de manuais específicos para atender as demandas dos usuários de arquivos nas suas três fases, e para o desenvolvimento de um programa de treinamento do usuário. Espera-se que este trabalho possa contribuir para o avanço de movimento que, conforme Jardim e Fonseca (2004), sai de um modelo de “arquivos direcionados para os arquivistas” para “arquivos direcionados para os usuários”.

## **THE IMPORTANCE OF USERS STUDIES FOR ARCHIVIST’S PROFESSIONAL DEGREE**

### **ABSTRACT**

This paperwork is part of a master's degree project in Information Science, at the Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). The study aims to demonstrate, accordingly with the archivists's powers, their professional degree and practices, in which way the approaches from the "Users Studies" can contribute to upgrade the same practices. Aims to show the changes in their role among the society, facing new informational demands. It opens reflections regarding the Access Law and the Brazilian reality. Introduces a historic of the users studies inside the archivology, and tries to demonstrate this field's contributions for the effectiveness of the access's policies.

**Keywords:** Archivology. Users Studies. Access's Policies. Archivists formation.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, A. W. C.; ARAÚJO, R. C. de. A legislação e política de arquivos no Brasil. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 4/5, n. 2/1, p. 19-13, jul./dez., 1989 / jan./jun., 1990.

BATISTA, C. L. Mediação e apropriação: questões do direito de acesso à informação. In: MOURA, Maria Aparecida (Org.). **A construção social do acesso Público à Informação no Brasil: contexto, historicidade e repercussões**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei nº 6.546, de 04 de julho de 1978**. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. Brasília, 1978. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/L6546.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6546.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BRASIL. **Lei nº 8.159, de 08 de janeiro de 1991**. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Brasília, 1991. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8159.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BRASIL. **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Brasília, 2011a. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BRASIL. **Lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011.** Cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República. Brasília, 2011b. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/l12528.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12528.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BRASIL. **Lei complementar nº 101, de 04 de maio de 2000.** Estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal e dá outras providências. Brasília, 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LCP/Lcp101.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp101.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BRASIL. **Lei complementar nº 131, de 27 de maio de 2009.** Acrescenta dispositivos à Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal e dá outras providências, a fim de determinar a disponibilização, em tempo real, de informações pormenorizadas sobre a execução orçamentária e financeira da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. Brasília, 2009. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LCP/Lcp131.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp131.htm)>. Acesso em: 16 abr. 2014.

COSTA, M. G. da. Acesso aos arquivos públicos: aspectos jurídicos e práticos. **Cenário Arquivístico**, Brasília, DF, v. 4, n. 1, p. 22-31, jan./jun., 2011.

COUTURE, C. **Les fonctions de l'archivistique contemporaine.** Canadá: Presses de l'Université du Québec, 2003.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

DUCHEIN, M. **Obstacles to the access, use and transfer of information from archives: a RAMP study.** Paris: Unesco – General Information Programm; Unisist, 1983.

JARDIM, J. M. O acesso à informação arquivística no Brasil: problemas de acessibilidade e disseminação. Caderno de Textos. **Mesa Redonda Nacional de Arquivos**, 1999. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

\_\_\_\_\_.; FONSECA, M. O. (org.). **A formação do arquivista no Brasil.** Rio de Janeiro: EdUFF, 1999.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. O. Estudos de usuários em arquivos: em busca de um estado da arte. **Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/outo4/Art\\_04.htm](http://www.dgz.org.br/outo4/Art_04.htm)>. Acesso em: 20 ago. 2014.

KETELAAR, E. **The difference best postponed?** Cultures and comparative archival science. *Archivaria* 44, 1997.

MARIZ, A. C. A. **A informação na internet:** arquivos públicos brasileiros. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

MARQUES, A. A. da C.; RONCAGLIO, C.; RODRIGUES, G. M. (org.). **A formação e a pesquisa em Arquivologia nas universidades públicas brasileiras**. Brasília: Thesaurus, 2011. (I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia).

MENNE-HARITZ, A. Access – the reformulation of an archival paradigm. **Archival Science**, v. 1, n. 1, 2001. p. 57-82.

NEGREIROS, L.; ARREGUY, C.; SILVA, W. Metodologia para análise, avaliação e reestruturação curricular de cursos de Arquivologia: a experiência do curso de Arquivologia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. **Anais... V Congresso Nacional de Arquivologia**. Salvador, 2012.

SILVA, A. M. et al. **Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação**. Porto: Afrontamento, 1999.

SOUZA, K. I. M. **Arquivista: visibilidade profissional: formação, associativismo e mercado de trabalho**. Brasília: Starprint, 2011.

TAYLOR, H. A. **Los servicios archive y el concepto de usuário: studiodel RAMP**. Paris: UNESCO, 1984.

---

**Trabalho recebido em: 13 maio 2015**

**Trabalho aceito em: 24 jun. 2016**

---

## ABORDAGEM DA NOBRADE NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE ARQUIVOLOGIA DO BRASIL

Bruno Machado Morais<sup>1</sup>

Cynthia Roncaglio<sup>2</sup>

### RESUMO

A Norma Brasileira de Descrição Arquivística (Nobrade), desde que foi lançada, em 2006, passou a ser um documento de referência para a descrição de documentos arquivísticos. Considerando seu impacto nas reformulações técnicas e metodológicas de descrição dos documentos arquivísticos, o seu conteúdo e aplicação passam a ser importantes não apenas entre os profissionais que atuam com a atividade de descrição, mas também para estudantes de Arquivologia que estão realizando sua formação e atuarão possivelmente, nessa área. Desta forma, a presente pesquisa tem como objetivo identificar e analisar se – e como – a Nobrade é abordada nos currículos dos cursos de Arquivologia existentes no Brasil. Para atingir nosso objetivo, foi adotada metodologia quantitativa e qualitativa, contemplando o mapeamento dos cursos de Arquivologia, seus respectivos currículos e a identificação das disciplinas que se referem à Nobrade no conteúdo programático e/ou na bibliografia do plano de ensino da disciplina. A pesquisa conclui que devido às diferenças de cargas horárias totais dos cursos de Arquivologia no Brasil e, conseqüentemente, ao número de disciplinas ministradas, o ensino da Nobrade ainda é bastante variável, com maior ou menor grau de profundidade em cada curso de Arquivologia, em grande parte, devido à falta de harmonização curricular.

**Palavras-chave:** Brasil. Descrição arquivística. Nobrade. Normas de descrição. Cursos de arquivologia.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pelo Centro Universitário de Brasília. Pós-Graduado em Tecnologia da Informação pela Gama Filho. Graduado em Arquivologia pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: bmorais.12@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Curso de Graduação em Arquivologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: cynthia.roncaglio@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

**A** descrição é uma atividade fundamental para a representação da informação, o tratamento e acesso aos acervos. Segundo Andrade e Silva, a descrição

[...] é o processo em que o arquivista cria representações de um determinado acervo arquivístico, explicitando o contexto e conteúdo deste acervo. É claramente uma atividade intelectual que demanda competências de interpretação de texto, conhecimento histórico acerca do produtor e de sua época, além de habilidade com a língua em que estão sendo produzidas as informações descritivas. (ANDRADE e SILVA, 2008, p. 15)

Lopes enfatiza que a descrição arquivística parte de um conjunto de funções. Para este autor, “a descrição começa no processo de classificação, continua na avaliação e se aprofunda nos instrumentos de busca mais específicos” (LOPES, 2009, p. 312).

Por meio da descrição arquivística são construídos instrumentos de pesquisa (guias, inventários, catálogos etc.) que permitirão o controle do acervo e o acesso intelectual aos documentos e às informações dos acervos arquivísticos. “Os instrumentos de pesquisa são, em essência, obras de referência que identificam e localizam, em diferentes graus e amplitudes, os fundos, as series documentais e/ou as unidades documentais existentes em um arquivo permanente” (BELLOTTO, 2004, p. 180).

Até os anos 1980, a descrição arquivística, e os instrumentos de pesquisa decorrentes dela, em geral, eram desenvolvidos de maneira aleatória e sem padronização no mundo todo. Isto é, cada instituição custodiadora de acervos arquivísticos, em âmbito municipal, estadual, regional ou nacional de cada país, desenvolvia a descrição baseada em alguns preceitos básicos de descrição, porém, nem sempre explicitados técnica e conceitualmente, tampouco coincidentes entre si em termos metodológicos.

No final dos anos 1980, sob a iniciativa do Conselho Internacional de Arquivos (ICA), tiveram início estudos visando à construção de uma norma internacional de descrição arquivística. Desses estudos resultou a Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística (ISAD(G)). O ICA recomendava que cada país deveria usar a ISAD(G) em conjunto com as normas nacionais, caso as tivesse, ou usar a ISAD(G) como referência para criá-las (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, 2006, p. 7-8). Segundo Bellotto:

Do ponto de vista da teoria arquivística, o mais importante na Isad é justamente o respeito que ela permite aos princípios da proveniência e da organicidade. A sucessão de campos e subcampos que vão se abrindo, tornando a descrição proporcionalmente detalhada, propicia racionalidade na elaboração e no uso, e facilidade de acesso e de entendimento mútuo entre os arquivos que optaram pela norma. (BELLOTTO, 2004, p. 182)

Com a participação do Brasil na revisão da ISAD(G) (2000) e da ISAAR(CPF) – Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas, Pessoas e Famílias (2004) –, os profissionais brasileiros tiveram ganho significativo ao entrar em contato com técnicos de vários países e ao participar de debates sobre a interpretação e aplicação das normas em outros países.

A partir daí, o Brasil começou a desenvolver a sua própria norma de descrição arquivística, a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (Nobrade), publicada em dezembro de 2006, que resultou de estudos desenvolvidos pela Câmara Técnica de Normalização da Descrição Arquivística (CTNDA) do Conselho Nacional de Arquivos (Conarq), criada em setembro de 2001, com o objetivo de estabelecer diretrizes nacionais para a descrição de documentos arquivísticos, compatíveis com as normas internacionais então em vigor. Vale ressaltar que a Nobrade não é uma mera tradução das normas internacionais. Embora sua estrutura seja semelhante justamente porque foi produzida a partir da ISAD(G), sua abordagem é bem mais detalhada e específica, procurando adaptar e atender às especificidades dos acervos arquivísticos brasileiros (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, 2006, p. 7-9).

Considerando que a Arquivologia se baseia no ciclo de vida dos documentos, ou seja, arquivo corrente, intermediário e permanente, e é a “disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 36), o papel do arquivista neste processo é fundamental. Segundo Bellotto:

Do arquivista depende a eficácia da recuperação da informação: sua uniformidade, ritmo, integridade, dinamismo de acesso, pertinência e precisão nas buscas, porque terá havido precisão na classificação, avaliação e descrição. Sua atuação pode - e muito - influir no processo decisório das organizações e nas conclusões a que chegam os historiadores a respeito da evolução e identidade da sociedade. (BELLOTTO, 2004, p. 5).

## E desde o início

o arquivista tem sido orientado para satisfazer necessidades informativas, de modo que a administração desenvolva suas funções com rapidez, eficiência, eficácia e economia, para salvaguardar direitos e deveres das pessoas, contidos nos documentos, e para tornar possíveis a pesquisa e a difusão cultural. (DUARTE, 2006, p. 145).

Todavia novos procedimentos técnicos e metodológicos quanto à atuação do arquivista foram surgindo com o passar do tempo e, conseqüentemente, há a necessidade de o ensino de Arquivologia acompanhar as mudanças que estão ocorrendo na área em relação à legislação, concepção de instrumentos, modelos conceituais de análise, inovação tecnológica etc.

No decorrer dos tempos, com a inserção das tecnologias, tem-se acelerado o ciclo da produção de documentos, exigindo do arquivista um olhar apurado para os procedimentos de gestão da informação e para aqueles documentos de caráter permanente, a preocupação sobre a representação da informação com vista a uma recuperação futura. (DANTAS, 2015, p. 16).

Porém, para se obter esta representação, “a informação deve ser ordenada, estruturada ou contida de alguma forma, senão permanecerá amorfa e inutilizável” (MCGARRY, 1999, p. 11), e, conforme Dantas (2015, p. 70), “dentre as normas que favorecem a representação descritiva arquivística, pode-se destacar a Norma Brasileira de Descrição Arquivística [...]”.

É no ambiente universitário que o discente terá a oportunidade de conhecer, estudar e pesquisar as ferramentas/metodologias da Arquivologia e, conseqüentemente, conceber ideias e conhecimentos para atualizá-las ou adaptá-las.

Desta forma, sendo a Nobrade um instrumento de referência para descrição e representação arquivística no Brasil, é importante analisar a sua abordagem nos currículos dos cursos de Arquivologia existentes no país, sobretudo porque o conhecimento sobre o seu conteúdo e a sua aplicação são fundamentais para os estudantes de Arquivologia que, futuramente, atuarão em instituições custodiadoras de acervos arquivísticos e precisarão ter conhecimentos sobre os instrumentos disponíveis para desenvolver as atividades de descrição de documentos de arquivo.

## 2 METODOLOGIA

Partiu-se de uma revisão bibliográfica a fim de se obter dados sobre a existência de pesquisas similares a esta. Entretanto, nenhuma relevante foi encontrada, o que demonstra a validade desta pesquisa para identificar e analisar o uso da Nobrade nos cursos de graduação em Arquivologia.

Em seguida, realizou-se uma pesquisa descritiva, quantitativa e qualitativa, contemplando o mapeamento dos cursos de Arquivologia e dos seus respectivos currículos, a fim de identificar e avaliar aqueles que citam e/ou analisam a Nobrade. Procedeu-se à coleta e análise das informações disponíveis nas páginas eletrônicas dos cursos e por meio de envio de questionários para os coordenadores e professores dos cursos.

Foram identificados dezesseis cursos superiores de Arquivologia (<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>), todos mantidos por universidades públicas. São elas, ordenadas por data de criação:

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	UNIRIO	1973
Universidade Federal de Santa Maria	UFSM	1976
Universidade Federal Fluminense	UFF	1978
Universidade de Brasília	UnB	1990
Universidade Estadual de Londrina	UEL	1997
Universidade Federal da Bahia	UFBA	1997
Universidade Federal do Espírito Santo	UFES	1999
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	1999
Universidade Estadual Paulista	UNESP/Marília	2003
Universidade Estadual da Paraíba	UEPB	2006
Universidade Federal da Paraíba	UFPB	2008
Universidade Federal do Rio Grande	FURG	2008
Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	2008
Universidade Federal do Amazonas	UFAM	2009
Universidade Federal Santa Catarina	UFSC	2009
Universidade Federal do Pará	UFPA	2012

A partir desses dados foi realizada a pesquisa nas páginas eletrônicas de cada curso e obtidas informações para elaborar um questionário com vistas a confirmar, atualizar ou complementar os dados. O questionário foi desenvolvido em plataforma online, sendo, portanto, facultado aos entrevistados responderem por meio eletrônico. Esta ferramenta foi essencial para se chegar aos resultados obtidos, já que ocorreu grande dificuldade de se encontrar páginas eletrônicas com informações relevantes e atualizadas sobre o objeto da pesquisa. Desta forma foi encaminhado aos coordenadores de cada curso, via e-mail, um questionário com vinte e três perguntas relativas ao perfil da universidade, corpo docente, currículo e a abordagem da Nobrade em sala de aula.

### **3 RESULTADOS OBTIDOS**

Dos dezesseis cursos de graduação em Arquivologia, treze responderam ao questionário. Os cursos que responderam são das seguintes universidades: UNIRIO, UFSC, UFF, UnB, UFAM, UFPA, UEL, UFES, UNESP/Marília, UEPB, FURG, UFMG, UFPB. Os resultados desta pesquisa, portanto, abordam os dados obtidos por esses treze cursos citados, considerando as informações das páginas eletrônicas e questionários respondidos. Quanto aos três cursos que não responderam o questionário, a pesquisa baseou-se somente nos dados coletados nas páginas eletrônicas mantidas pelas instituições.

Houve dificuldade em se obter dados sobre os cursos baseados apenas nas informações disponíveis nas páginas eletrônicas. Nem todos os cursos de Arquivologia disponibilizam seus currículos e ementas das disciplinas nas páginas eletrônicas; 93,75% dos currículos estão acessíveis nas páginas eletrônicas, entretanto, quanto às ementas, o percentual é de 50%. Outra dificuldade foi a demora em receber as respostas do questionário. Apesar de se obter 81,25% de respostas dos cursos de Arquivologia, foi preciso insistir muitas vezes e esperar quatro meses para obtê-las.

Após o recebimento dos questionários e a análise dos dados encontrados nas páginas eletrônicas, foi realizada a tabulação dos dados. O primeiro dado relevante é que, nos dezesseis cursos de Arquivologia, a carga horária total não é homogênea. Esta varia de 2.400 a 2.904 horas. Considerando que todos os dezesseis cursos de Arquivologia possuem uma única habilitação – bacharelado –, há uma grande diferença de carga horária de um

curso para outro, o que, conseqüentemente, implica também no número de disciplinas cursadas. Tal variação de um curso para o outro, tanto em relação à carga horária quanto ao número de disciplinas, pode, em alguma medida, refletir na abordagem mais ou menos superficial da Nobrade.

Num universo de mais de 800 disciplinas ministradas nos cursos de Arquivologia no Brasil, sejam elas obrigatórias ou optativas, somente vinte e oito, segundo os dados obtidos na pesquisa, incluem a Nobrade em suas ementas, bibliografias e/ou conteúdo programático. A partir deste levantamento, apresentamos no Quadro 1 as disciplinas, obrigatórias ou optativas, dos cursos de Arquivologia de cada universidade, e as suas respectivas cargas horárias, que mencionam a Nobrade.

**Quadro 1:** Relação das disciplinas que abordam a Nobrade.

Universidade	Nome da disciplina	Obrigatória ou Optativa	Carga Horária
UNIRIO	Arranjo e descrição de documentos	Obrigatória	60 h
	Organização prática de arquivos	Obrigatória	120 h
UFSC	Introdução à Arquivologia	Obrigatória	72 h
	Normalização da documentação de arquivos	Obrigatória	72 h
	Classificação arquivística	Obrigatória	72 h
	Arquivo permanente	Obrigatória	72 h
	Descrição arquivística	Obrigatória	72 h
UFF	Arquivos permanentes	Obrigatória	60 h
UFBA	Descrição arquivística	Obrigatória	60 h
UFRGS	Descrição arquivística	Obrigatória	60 h
UnB	Arquivo permanente 2	Obrigatória	60 h
	Introdução à Arquivologia	Obrigatória	60 h
UFAM	Arranjo e descrição de documentos	Obrigatória	60 h
	Gestão documental em arquivos	Obrigatória	60 h
	Análise documental	Obrigatória	60 h
UFPA	Representação arquivística I	Obrigatória	60 h
	Representação arquivística II	Obrigatória	60 h
	Classificação arquivística	Obrigatória	60 h
	Linguagens de indexação	Obrigatória	60 h
UEL	Gestão de documentos III	Obrigatória	60 h
UFES	Arranjo e descrição de documentos	Obrigatória	60 h
UNESP/Marília	Descrição documental	Obrigatória	60 h
UEPB	Representação da informação	Obrigatória	60 h
FURG	Descrição arquivística	Obrigatória	60 h
UFMG	Tópicos em funções arquivísticas d – descrição arquivística: elaboração de instrumentos de pesquisa e estudos de caso	Optativa	60 h
	Descrição de documentos arquivísticos	Obrigatória	60 h
UFPB	Avaliação e seleção de documentos	Obrigatória	60 h
	Laboratório de práticas integradas II	Obrigatória	60 h

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Observa-se, na tabela apresentada, primeiramente, a variedade de disciplinas que abordam a Nobrade e a variação dos nomes dessas disciplinas em cada curso. Das disciplinas identificadas, 70,37% possuem nomes distintos para conteúdos semelhantes; 29,63% das disciplinas de diferentes cursos apresentam o mesmo nome. São elas: Descrição arquivística, Arquivo permanente, Arranjo e descrição de documentos, Classificação arquivística e Introdução à Arquivologia.

Constata-se, portanto, que, embora não haja padronização dos nomes das disciplinas, em geral, há certa coincidência quanto a disciplinas que abordam a Nobrade nos cursos de Arquivologia no Brasil.

Das disciplinas que abordam a Nobrade, somente 11,11% das ementas a citam nominalmente. Todavia, cabe ressaltar que a Nobrade foi criada em dezembro de 2006, e que as ementas dos cursos só podem ser alteradas quando ocorre revisão do projeto pedagógico do curso. Portanto, a Nobrade só poderia ser citada na ementa de cursos criados posteriormente a 2006, conforme relação apresentada aqui das Universidades de Arquivologia, ordenadas por data de criação. Podemos, entretanto, inferir o uso da Nobrade no ensino em outros 22,22% das ementas, já que o termo “normalização do processo de descrição arquivístico” refere-se à descrição arquivística e, indiretamente, à citação de normas. Ou seja, 33,33% das ementas se referem a normas. Já nas ementas restantes, 66,66%, não há nenhuma citação de normas ou de descrição arquivística.

Em relação aos planos de ensino das disciplinas, 33,33% dos conteúdos programáticos citam a Nobrade. Quanto ao número de ocorrências sobre a Nobrade nas bibliografias, 44,44% das disciplinas a citam. A bibliografia utilizada nos cursos abrange artigos, dissertações e teses. Constatou-se que em apenas uma bibliografia o estudo da própria Nobrade é substituído por um artigo, o que significa que somente 6,25% das disciplinas se utilizam de outras publicações que não a própria Nobrade para apresentá-la. Por fim, verificou-se que em 25% das disciplinas, dispostas no Quadro 1, a Nobrade é citada tanto na ementa quanto no conteúdo programático e na bibliografia.

Já em relação às disciplinas optativas, observou-se que do universo de vinte e oito disciplinas que citam a Nobrade no plano da disciplina – seja na ementa, bibliografia e/ou no conteúdo programático –, somente uma disciplina optativa oferecida cita a Norma, o

que representa 3,57% das disciplinas que abordam a Norma. Isto sugere que 96,43% das disciplinas que abordam a NOBRADE nos currículos dos cursos de Arquivologia no Brasil são obrigatórias.

Ainda segundo os dados da pesquisa, o curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), destaca-se das demais por adotar em seu currículo cinco disciplinas obrigatórias que abordam a Nobrade. Por outro lado, 50% das universidades abordam a Norma apenas uma única vez em seus cursos, o que parece mostrar uma discrepância em relação ao ensino da Norma, e mais uma vez, uma falta de harmonização dos currículos dos cursos de Arquivologia no Brasil.

A pesquisa revela ainda outra discrepância quanto às horas-aulas das disciplinas. Enquanto as disciplinas da UFSC utilizam 72 horas para ministrar seus conteúdos, incluindo a Nobrade, 72,73% das disciplinas utilizam 60 horas. Fica claro que esta diferenciação em relação à carga horária total do ensino de Arquivologia no Brasil influencia nas disciplinas ministradas.

Outro dado relevante e, em certa medida, preocupante, é que a Norma é apresentada aos alunos somente no final do curso; 92,85% das disciplinas que citam a Norma estão situadas no fluxo curricular entre o meio e o fim do curso. Apenas 7,15% das disciplinas apresentam a Nobrade logo no primeiro semestre, o que é pouco expressivo para um instrumento tão importante para o desenvolvimento da descrição arquivística, e se considerarmos que alguns elementos de descrição podem ser úteis e usados já nas fases corrente e intermediária dos documentos. A nosso ver, seria interessante abordar a descrição arquivística e as normas existentes logo no início do curso para assim formar um profissional mais preparado para avaliar a produção e o uso de normas de descrição arquivística.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar de a Nobrade ser referência para a descrição arquivística, poucos estudos e publicações nacionais foram realizados sobre ela, o que torna a pesquisa em questão relevante. A descrição/representação da informação é fundamental para a recuperação da informação, portanto, fundamental para os estudantes e profissionais da área. Cabe

ressaltar a dificuldade em se obter os dados para a pesquisa, o que nos leva a inferir que as universidades, no caso específico desta pesquisa, precisam investir na manutenção e atualização das páginas eletrônicas para se garantir a facilidade e a segurança no acesso às informações. A seguir, notou-se que a Nobrade, embora seja um instrumento de referência para a descrição arquivística no Brasil, ainda é pouco abordada nos cursos de Arquivologia. Todavia, a pesquisa indicou que ao menos uma disciplina obrigatória de cada instituição cita a Nobrade. Assim, todos os discentes, antes de se formar, obrigatoriamente sabem da existência da Norma. Se levarmos em consideração que nas disciplinas Arquivo permanente, Descrição arquivística ou nomes equivalentes, a atividade de descrição de documentos de arquivos é abordada, temos uma matéria por curso que vai utilizar as normas de descrição arquivística, porém, ainda é muito pouco.

Para reforçar o que está sendo dito, Lopes observa que, “[...] com a aprovação pelo Conselho Internacional de Arquivos (1994) da Norma Geral e Internacional [sic] de Descrição - ISAD (G), qualquer discussão sobre o assunto deve remeter a elas [...]” (LOPES, 2009, p. 313).

Parafraseando Lopes (2009), qualquer discussão sobre a descrição arquivística, inclusive os debates realizados em sala de aula, devem levar em conta a Nobrade e as demais normas existentes. Tais discussões no âmbito pedagógico devem existir não somente porque as normas e, em especial, a Nobrade, servirão de instrumento técnico nas rotinas do trabalho do futuro arquivista, mas porque o seu estudo pelos discentes de Arquivologia permite reflexões de natureza epistemológica que, posteriormente, podem ser aprofundadas em pesquisas acadêmicas na pós-graduação e em melhorias quanto à legislação, metodologia, ou até mesmo contribuir para a revisão e reelaboração desses instrumentos ao longo do tempo.

Há também necessidade de se repensar os componentes curriculares dos cursos de Arquivologia. Como já indicam alguns estudos (ARREGUY; NEGREIROS; SILVA, 2015 e DUARTE, 2006), parece necessária a harmonização dos currículos, levando-se em conta tanto a carga horária total dos cursos quanto o conteúdo programático das disciplinas ministradas. Tais reformulações são importantes para nivelar os cursos e proporcionar o desenvolvimento de competências e habilidades similares aos discentes.

Os cursos de Arquivologia no Brasil ainda necessitam ajustar os seus currículos para, entre outros aspectos, possibilitar maior conhecimento sobre normas de descrição arquivística aos futuros profissionais da Arquivologia. A Norma Brasileira de Descrição Arquivística é um instrumento técnico para toda e qualquer instituição que deseja fazer uma descrição de seus documentos com eficiência e proporcionar mais conhecimento sobre o acervo, mas é também um instrumento de estudo nos cursos de Arquivologia que precisam amadurecer seus conhecimentos e pensar criticamente sobre a representação arquivística.

## **NOBRADE APPROACH IN THE CURRICULUM OF ARCHIVAL SCIENCE COURSES IN BRAZIL**

### **ABSTRACT**

The Norma Brasileira de Descrição Arquivística (Nobrade), since it was launched in 2006, has become an important reference for the description of archival documents. Considering their impact on technical and methodological reformulations description of archival documents, their content and application become important not only among professionals working with the description of activity, but also for Archival of students who are completing their training and probably will work in this area. Thus, this research aims to identify and analyze whether - and how - the Nobrade is addressed in the curriculum of Archival courses existing in Brazil. To achieve our objective was adopted quantitative and qualitative methodology, including mapping of Archival courses, their curriculum and identification of subjects that refer to Nobrade the curriculum and/or in the bibliography of discipline of teaching plan. The research concludes that due to differences in total working hours of Archival Science courses in Brazil and, consequently, the number of subjects taught, the teaching of Nobrade is still quite variable, with greater or less degree of depth in each course of Archivology in largely due to lack of course matching.

**Keywords:** Brazil. Archival description. Nobrade. Description of rules. Archival science courses.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ricardo Sodré; SILVA, Rubens R. G. da. Aspectos teóricos e históricos da descrição arquivística e uma nova geração de instrumentos arquivísticos de referência. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 14-29, dez. 2008. Disponível em: <[www.pontodeacesso.ici.ufba.br](http://www.pontodeacesso.ici.ufba.br)>. Acesso em: 05 abr. 2016.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ARREGUY, Cíntia Aparecida Chagas; NEGREIROS, Leandro Ribeiro; SILVA, Welder Antônio. Influências na estruturação de currículos de Arquivologia: as configurações acadêmico-institucionais, o contexto regional, o mercado laboral e o perfil docente. **Perspectivas em Ciência da Informação** (Online), v.20, n.2 p.172-197, abr./jun. 2015. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2344/1601>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

BELLOTTO, Heloísa L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISAAR(CPF): norma internacional de registro de autoridade arquivística para entidades coletivas, pessoas e famílias**. Tradução de Vitor Manoel Marques da Fonseca. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004.

\_\_\_\_\_. **ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística: segunda edição, adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22 de setembro de 1999, versão final aprovada pelo CIA**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Brasil). Câmara técnica de normalização da descrição arquivística. **Norma brasileira de descrição arquivística (Nobrade)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

DANTAS, Célia Medeiros. **Representação da informação arquivística: uma proposta o Arquivo Histórico Waldemar Duarte**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2015.

DUARTE, Zeny. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. **Revista da Faculdade de Letras. CÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO**, Porto, série vol V-VI, p. 141-151. 2006-2007. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6624.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

LOPES, Luis Carlos. A descrição e as suas funções. In: LOPES, Luis Carlos. **A nova arquivística na modernização administrativa**. Brasília: Projecto Editorial, 2009. p.312-336.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

---

**Trabalho recebido em: 15 fev. 2015**

**Trabalho aceito em: 24 jun. 2016**

---

## THE AMERICANS E O FENÔMENO INFORMACIONAL NA PRODUÇÃO DE ARQUIVOS<sup>1</sup>

André Januário da Silva<sup>2</sup>

Valéria Cristina Lopes Wilke<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir o fenômeno informacional na contemporaneidade e sua inserção na produção de arquivos, tendo como objeto de análise o seriado *The Americans* (2013). Para tanto, utilizaremos como campo conceitual teórico algumas discussões presentes na área da filosofia da informação relacionando-as ao conceito de informação arquivística desenvolvido na Arquivologia.

**Palavras-chave:** Informação. Informação arquivística. Filosofia da informação.

### 1 FILOSOFIA, INFORMAÇÃO E ARQUIVÍSTICA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

**N**a contemporaneidade, a informação tem sido elemento de destaque nas práticas e vivências dos grupos sociais. Constantemente resvalamos com o tema informação sem, contudo, nos dar conta de que esta tem sido elemento central para nossas atividades de uso diário. Redes bancárias, smartphones, aplicativos sociais, modos e meios de comunicação de um modo geral, possuem a informação como *locus* privilegiado para a nossa interação sócio-cultural-econômica em relação ao meio em que vivemos. A informação está presente na natureza do homem, tal quais outros

<sup>1</sup> Trabalho – modalidade Comunicação Oral – do Eixo Temático “Teoria e Prática das funções arquivísticas” apresentado em 30 de setembro de 2015 na I Semana dos Estudantes de Arquivologia da UNIRIO.

<sup>2</sup> Bacharel em Arquivologia e Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO. E-mail: andre.poulain.aj@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Doutora em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal Fluminense (Ibict/UFF). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel e licenciada em Filosofia pela UFRJ. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: valwilke@gmail.com.

elementos que dispomos para a nossa sobrevivência. A obtenção do conhecimento via informação tornou-se meta *sine qua non* para a construção do imaginário do homem contemporâneo.

Este é um discurso introjetado e massificado constantemente pela mídia de um modo geral, ganhando força também através do discurso científico e governamental. Nesse sentido, podemos inferir que a informação tem ganhado caráter relevante na construção de um *modus vivendi* que privilegia indivíduos que a operacionalizam de modo estratégico e efetivo nas suas experiências sociais. Tal construção de sentidos nos leva cada vez mais a pensar em informação como elemento catalizador dos diferentes aspectos presentes na vida contemporânea.

Sob outro prisma a ação da informação nas sociedades contemporâneas também tem sido vista como um projeto alienante, pois estaria condicionando indivíduos e grupos sociais a se comportarem e reagirem de acordo com uma massa informacional ideologicamente direcionada e planejada para determinados fins. Logo, a informação operaria como elemento que repele as possibilidades divergentes dos interesses do Estado, da lógica do mercado e das classes dominantes. Esta perspectiva reitera não tão somente a ação mercadológica da informação, como meio de moldar indivíduos, mas também destaca o seu potencial opressor, uma vez que estes mesmos indivíduos estariam condicionados a um plano macro ideológico.

Sob o ponto de vista filosófico esboçar uma reflexão crítica sobre esse fenômeno tem sido cada vez mais incontornável e necessário, pois a informação está no bojo dos principais acontecimentos que marcaram as últimas décadas, tornando-se hoje parte de nossas experiências diárias, núcleo que caracteriza o homem contemporâneo.

A problemática da informação ligada aos estudos filosóficos tem origem a partir do panorama informacional nas sociedades contemporâneas. Tal como apontamos anteriormente o desenvolvimento tecnológico e o avanço das chamadas tecnologias da comunicação e informação (TIC's) impulsionaram questionamentos acerca dessa nova era pela qual estamos sendo atravessados, e que instantaneamente produz mudanças avassaladoras no meio em que vivemos e na nossa cosmovisão de mundo.

Para Ilharco (2003), esse desenvolvimento no campo filosófico é um fenômeno novo e estreitamente alinhado as condições de produção do nosso tempo, no entanto pondera sobre a origem de seus questionamentos inferindo que “[...] a informação, tal

como é entendida, definida ou aproximada pelas mais variadas posições ou acções, intuitivas, científicas, teóricas ou empíricas, é algo tão antigo quanto a história do homem” (p. 41).

Floridi (2002) sugere que a informação como noção, conceito, intuição ou fenômeno foi adaptada e ajustada em diversas variações ao longo da historicidade filosófica. Assim, é possível remontar seu questionamento mesmo num quadro muito anterior como há 2.500 anos na Grécia Antiga. Certamente, esse primeiro legado filosófico pode ser um ponto de partida para alavancar contribuições a essa discussão, pois ainda que pertencentes a outro contexto e cosmovisão de mundo trazem em seus questionamentos problemas ontológicos que precisam de reflexão em nossos tempos, à luz do fenômeno informacional.

Em outras palavras, trazer à tona questões como: O que é o ser? O que é conhecimento? O que é linguagem, mente e consciência, na era informacional é de suma importância para fundamentar perspectivas de uma nova ótica de problematização das coisas. Se por um lado, a informação como objeto central no campo filosófico é algo novo e carente de maior atenção dos estudiosos da área, por outro possui inúmeras vertentes filosóficas que podem lhe dar substâncias na formulação de novos problemas e questionamentos à luz do presente em que vivemos.

No âmbito da arquivística a informação também se torna um elemento central no contexto contemporâneo da área, presente em formulações teórico-conceituais e no desenvolvimento técnico da profissão do arquivista. Silva (2014) aponta que em meados da década de 1990 ocorre uma reformulação nos domínios da Arquivologia enquanto campo. Ganhando força à ideia do arquivista como um mediador da informação. Há um entendimento de que o arquivo é formado por informações geradas no curso das atividades realizadas na produção dos documentos, bem como no seu tratamento documental.

Para Fonseca (2005), a centralidade da informação como objeto do campo conceitual da área identifica uma mudança de paradigma, e também o surgimento de uma nova episteme representada pela pós-modernidade. Em grande parte, esse novo contexto é impulsionado pelo crescente uso das tecnologias da informação e comunicação, que a partir da década de 1980 mudaram avassaladoramente a realidade dos arquivos e da produção documental em escala global. A consolidação de novos modos de produção dos

documentos a partir de um espectro digital e instantâneo da informação vem se consolidando cada vez mais a partir dos anos 2000. Intensificando assim, o fluxo e a volatilidade da informação produzida em arquivos.

O conceito de informação tem sido um dos principais objetos da arquivística na contemporaneidade, a ponto de não podermos mais ignorar o protagonismo e a importância desse conceito no desenvolvimento epistemológico da área. Em sua dissertação de mestrado Silva (2009), traça um mapeamento da noção de informação arquivística a partir da emergência do conceito em trabalhos acadêmicos desenvolvidos no Brasil, entre os anos de 1996 e 2006. Com isso o autor conclui que é possível tratar a informação arquivística como objeto de estudo da área, destacando o notório protagonismo que o conceito adquire pelos principais pensadores do campo, ressaltando que este apesar de existente ainda carece de aprofundamento e caracterização conceitual.

Tendo em vista a inserção do conceito de informação nos dois campos por nós abordados a filosofia da informação e a arquivística possuem traços que possibilitam um diálogo produtivo, pois ambas as áreas se caracterizam por estarem em crescente expansão e possuem um objeto em comum a informação produzida a partir do fenômeno informacional contemporâneo.

## 2 O CONTEXTO DE *THE AMERICANS*: BREVE PANORAMA DA SÉRIE

*The Americans* (2013) é um seriado produzido pelo canal a cabo FX, subsidiário da produtora de entretenimento para cinema e TV, 20th Century Fox. A série estreou nos Estados Unidos no primeiro semestre de 2013 e encontra-se atualmente na 3ª temporada. No Brasil é exibida pelo canal a cabo FX, com uma diferença de pouco mais de seis meses para a data de estreia nos EUA. A 1ª temporada da série também se encontra disponível na rede online por assinatura NETFLIX, e também a venda no mercado comercial brasileiro.

Ambientada no início da década de 1980, *The Americans* retrata o cotidiano de um casal de classe média tipicamente norte-americano, que vive no subúrbio de Washington DC, capital dos EUA. Ocorre que *Phillip Jennings* (Matthew Rhys) e *Elizabeth Jennings* (Keri Russel), os americanos do título, são na verdade agentes soviéticos da KGB infiltrados em território norte-americano. Eles têm como principal objetivo coletar informações sigilosas que possam colocar a União Soviética em vantagem no cenário da Guerra Fria. Para isso,

utilizam os mais variados tipos de identidade e se envolvem em diferentes tipos de redes de informação para obter sucesso em sua empreitada. O principal antagonista do casal é *Stan Beeman* (Noah Emmerich), vizinho e agente do FBI, que desenvolve uma relação de amizade com *Phillip Jennings* sem saber que ele e sua esposa são na verdade agentes do governo soviético.

Nesse sentido, o objeto arquivo é o centro da disputa entre os dois sistemas de inteligência destacando-se a informação produzida em sua fabricação e o poder informacional que pode ser extraído a partir do estrategismo empregado pelas redes de espionagem. Dessa informação é que surgirão as políticas para a manutenção da disputa pelo poder global entre as duas superpotências, e as ações direcionadas para os elementos que a sustentam: mercado, desenvolvimento técnico-científico, corrida espacial, desenvolvimento armamentista e discurso ideológico.

Esse momento delicado que é retratado na série aonde temos a oposição da cada vez mais evidente falência do sistema socialista soviético versus a lógica mercadológica encabeçada pelos Estados Unidos da América, e o auge do neoliberalismo através da ascensão do governo republicano de Ronald Reagan e do governo conservador de Margareth Thatcher na Grã-Bretanha é um momento de transição para a geopolítica que se estabelece nos dias atuais.

É possível notar no seriado alguns temas que envolvem a insustentabilidade das políticas impulsionadas pelo modelo de aldeia global ante os regionalismos particulares de diferentes nações, como o mundo subdesenvolvido da América Latina e África e os cada vez mais crescentes Estados Islâmicos ligados a forças terroristas.

### **3 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E AS REDES INFORMACIONAIS**

Inúmeros trabalhos foram desenvolvidos destacando o aspecto da produção de uma sociedade dita da informação. Partindo da perspectiva em que o aspecto informacional se tornou elemento central para a vida em sociedade temos a informação como objeto que determina os caminhos das atividades e ações da sociedade contemporânea. Assim, estaríamos vivenciando a era da sociedade da informação, tal qual proposto por Mattelart (2002) em *História da sociedade da informação*. Essa sociedade materializada nos dias de hoje, vem sendo plenamente estabelecida através de diferentes

eventos que caracterizaram o século XX, e, por conseguinte, o século XXI aonde a geopolítica, as tecnologias da informação, as relações diplomáticas e as questões militares tornaram-se pontos primordiais nessa conjuntura.

Com isso, temos em Castells (2005) uma discussão acerca da formatação dessa sociedade informacional a partir da análise do fenômeno do surgimento das redes como forma de agrupamento social na contemporaneidade. O autor compreende que o mundo passa por um processo de transformação no qual o paradigma tecnológico que advém das tecnologias da comunicação e informação é a base para a conjuntura atual. Contudo, destaca que essa mesma tecnologia, condição necessária para esta transformação, não pode ser encarada como fator suficiente para uma nova forma de organização social. Para ele a base dessa estrutura está alocada a partir de interesses e ações políticas, que utilizará esse elemento tecnológico como forma de estabelecer a ordem de seus interesses.

No contexto de *The Americans* podemos observar a ênfase em uma organização social por meio de redes de informação que utilizam essa estrutura como forma de estabelecer comunicação para diversos fins estratégicos. Assim, seja para objetivos de guerra, científico, político ou mercadológico a comunicação em redes é o fator preponderante no desenvolvimento desses elementos. De outra forma, a organização em redes sustenta o modo de trânsito social entre os agentes que trabalham para suas respectivas inteligências. No caso do casal *Jennings* a força soviética infiltrada nos EUA ligada ao consulado russo nomeado como *Rezidentura*; no caso dos agentes americanos o FBI. É importante observar que a forma de organização em redes não difere ao exemplo de estrutura hierarquizada, aonde indivíduos se reportam a forças centralizadoras, nos dois casos exemplificados a presença forte do Estado.

#### 4 INFORMAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo viu surgir uma nova ordem mundial aonde duas superpotências – EUA e União Soviética – buscavam a supremacia global. Este era o contexto de um mundo bipolarizado aonde a Guerra Fria determinou as principais políticas entre as nações do mundo. Com o fim do socialismo soviético e a abertura dos mercados das outrora nações que compunham a cortina de ferro, o mundo evidenciou um novo tipo de organização em escala global, aonde o ideário de democratização, livre

mercado e trocas culturais tornaram-se componentes do que foi denominado por globalização.

Esse evento trouxe consigo algumas discussões críticas sobre o que estava em jogo nessa nova noção de globalização, ao que muitos indicaram como uma nova forma de produzir sentidos acerca de algo que já era produzido, o imperialismo e a expansão de mercados de países ricos como os EUA, Alemanha, Japão e França em relação aos países ditos subdesenvolvidos e emergentes, América Latina, África e mundo árabe, por exemplo. Por outro lado, com a globalização foi possível que vozes dissonantes pudessem encontrar formas de resistência diante de seus respectivos opressores.

A proposta de Santos (2003) visa mostrar outro lado da globalização, onde o autor a apresenta como fábula midiática diante das contradições que ainda persistem, em seu núcleo.

Sem as fábulas e mitos, este período histórico não existiria como é. Uma dessas fábulas é a tão repetida idéia de aldeia global. O fato de que a comunicação se tornou possível à escala do planeta, deixando saber instantaneamente o que se passa em qualquer lugar [...] (p. 41).

Para Santos, o fato da interconexão da grande rede ter aproximado culturas não as tornou igualitárias, a própria abertura de mercados não ampliou o estado democrático, nem mesmo o abismo social entre as nações desenvolvidas em relação aos subdesenvolvidos. Nesse sentido essa troca multicultural se tornou uma via de mão única, uma disputa desigual entre mercados desenvolvidos e subdesenvolvidos. O fim da guerra fria e do bloco socialista só facilitou ainda mais a ampliação em grande escala de normas e princípios aonde a regra básica do consumismo se tornou o elemento principal na modelação de identidades.

Da mesma forma que Santos, Canclin (2010) enxerga a globalização como um projeto imaginário ao qual acrescenta um aspecto fortemente ideológico as bases que sustentam este discurso. O autor nos diz que embora a globalização seja um projeto defendido pela grande mídia como um processo de copresença e interação entre todos os países, culturas, mercados e consumidores, ele é na verdade segmentado e desigual, pois encoraja a dependência recíproca entre as sociedades centrais e as elites das periferias.

Ao unificar os mercados econômicos e interligar simultaneamente os movimentos financeiros de todo o mundo, ao produzir as mesmas notícias e entretenimentos

semelhantes para todos, cria-se por toda a parte a convicção de nenhum país pode existir com regras diferentes das que organizam o “sistema-mundo” (2010, p. 168).

Na queda de braço entre soviéticos e norte-americanos é justamente a influência na produção de um sistema-mundo o que está em jogo. O contraste entre a promessa de felicidade do *american way of life* e o ideário revolucionário do socialismo soviético entram em choque diante do cotidiano em que vive a família *Jennings. Elizabeth e Phillip* possuem dois filhos nascidos nos EUA e que não sabem da dupla identidade de seus pais, portanto totalmente inseridos no *modus vivendi* estadunidense. Esse choque cultural promove reflexões acerca da construção de identidades pautadas pelo consumismo, ao passo que por meio de *flashbacks* mostra uma Moscou, fria e pobre ao retratar as lembranças dos dois protagonistas. Mas, se engana quem pensa que o seriado apresenta um ideário perfeito de vida norte-americana, a todo o momento são retratados os vazios existenciais e o castelo de areia sob o qual é construída a família do vizinho *Stan Beeman* agente do FBI, insatisfeito com sua vida perfeita de homem médio norte-americano.

## 5 A RELAÇÃO HOMEM/MÁQUINA NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

Na era dita pós-industrial a informação se tornou condição *sine qua non* para a operacionalização das máquinas. A convergência entre computadores alinhados as tecnologias da comunicação unificaram um sistema onde a informação é compartilhada instantaneamente constituindo uma padronização do conhecimento acessível por meio de bancos de dados, arquivos e bibliotecas teoricamente acessíveis a qualquer um em qualquer lugar do mundo.

Esses novos modos de produção vão refletir no tipo de documento a ser produzido e acessado em arquivos presentes na grande rede, sendo estes, fontes de enriquecimento para a produção do conhecimento. Essa lógica, a princípio democratizadora e encorajada pela nova ordem mundial, encontra resistência por parte de alguns estudiosos que perceberem o grande potencial alienante que os modos de utilização da máquina podem trazer como consequência a fabricação de sujeitos na contemporaneidade.

De forma personalíssima, Vilém Flusser (1985) percebe como esse potencial alienante é utilizado pelo Estado e pelas elites para produzir o homem perfeito, aquele ao

qual chama de funcionário, capaz de operar a máquina da maneira como ela foi programada sem, contudo, ter consciência de seus usos em potencial a não ser aquele para o qual foi doutrinado a operar. Esse tipo de indivíduo funcional encontra na contemporaneidade o seu lugar ideal, pois vive sob uma pretensa lógica democratizadora da vida, mas não consegue desenvolver consciência crítica de seu lugar no mundo, logo se torna um funcionário do sistema, em suma um sujeito que não resiste aos assujeitamentos produzidos pela máquina.

Flusser (2009) caracteriza nossa época pelo surgimento das imagens técnicas, imagens produzidas por pixels e não mais por planos, construídas de modo programático e mediadas pela ação da máquina. Nesse sentido, seu grande questionamento é: Quais as possibilidades de resistir, se liberar e ir além em uma sociedade programada por máquinas e imagens? Se não resistirmos a isso caminharemos para uma sociedade programada e programadora.

Em *The Americans* os agentes soviéticos conseguem subverter a lógica programadora da máquina, uma vez que para se adaptar as adversidades de sua condição clandestina são obrigados a adaptar as máquinas de comunicação de acordo com suas necessidades momentâneas caso da comunicação por sistema de rádio, por exemplo. De outro modo para extrair a informação que necessitam conseguem desdobrar a programação da máquina e de arquivos digitais em favor de seus interesses, nesse sentido são indivíduos incomuns, capazes de subverter o sistema e dar novo sentido para a relação homem/máquina.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno informacional na contemporaneidade tem produzido transformações nos mais variados segmentos da vida humana, seja no plano social, na lógica de mercado, na compreensão de ser e estar no mundo ou na forma de compreender tempo e espaço. Tais transformações impulsionam a necessidade cada vez maior de refletirmos acerca desses elementos sob o ponto de vista científico e acadêmico.

É indiscutível que a noção de informação arquivística trouxe grande contribuição ao campo arquivístico, não só por promover o debate acalorado acerca do objeto da disciplina Arquivologia, mas também por desbravar novas possibilidades teóricas para uma gama de

novos pesquisadores. O advento informacional vem tornando-se central na sociedade contemporânea, desde a ação das TIC's e o impacto causado por elas no espaço dos arquivos, até as novas relações que se estabelecem entre os arquivos e seus usuários na era digital, via informação.

Nesse sentido, o enfoque da filosofia da informação vai ao encontro da arquivística, uma vez, que lhe interessa compreender de forma crítica as transformações da vivência e experiência humana na era em que o espectro informacional se torna elemento central para a fabricação de sujeitos e sociedades.

Assim temos em *The Americans* um exemplo claro de como o fenômeno informacional produziu um contexto onde a informação não só é valorada como parte elementar da sociedade contemporânea, como também, está no centro da disputa estratégica entre Estados, ideologias e cosmovisões de mundo.

#### ABSTRACT

The present article aims to discuss the information phenomenon in contemporary times and its insertion in the archive production, using as the object of analysis the tv series *The Americans* (2013). To such purpose, we will employ as conceptual theory field some discussions present in the realm of philosophy of information, linking them to the archival information concept developed in Archival Science.

**Keywords:** Information. Archival information. Philosophy of information.

#### REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor Garcia. **A globalização imaginada**. Trad. Sérgio Molina. 1ª reimp. São Paulo: Iluminuras, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad: Roneide Venâncio Majer. 8ª ed. ampliada e revisada. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FLORIDI, Luciano. On defining library and information Science as applied philosophy of information. **Social Epistemology**, 2002, v. 16, n. 1, p. 37-49. Disponível em:

<<http://www.philosophyofinformation.net/publications/pdf/isaspi.pdf>> Acesso em: 06 abr. 2015.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa-preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Tradução do autor. 1ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1985.

\_\_\_\_\_. **O universo das imagens técnicas**: o elogio da superficialidade. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2009.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e ciência da informação**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ILHARCO, Fernando. **Filosofia da informação**: uma introdução à informação como fundação da acção, da comunicação e da decisão. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003, p. 41.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. 1ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Eliezer Pires da. A trajetória da Arquivologia: três visões sobre os arquivos. **Documento Monumento**, v. 5, p. 146-166, 2011. Disponível em: <<http://200.17.60.4/ndihr/revista/artigos-edossies.htm>>. Acesso em: 06 out. 2014.

\_\_\_\_\_. A noção de informação arquivística na produção de conhecimento em arquivologia no Brasil (1996-2006). Niterói, 2009. **Dissertação** (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense/ Instituto Brasileiro em Informação Científica e Tecnológica.

**THE AMERICANS**. (1ª temporada da série) Dirigido por: Adam Arkin; Gavin O'connor et al. Criação e roteiro: Joseph Weiseberg. EUA: FX; 20th Century Fox, 2013. son., color., DVD 13 episódios, cada um contendo 60 min.

---

**Trabalho recebido em: 07 set. 2015**

**Trabalho aceito em: 30 set. 2015**

---

## **ARQUIVOS ACADÊMICOS: RETROSPECTIVA E PERSPECTIVA**

Nicholas C. Burckel<sup>1</sup>

**H**á quase trinta anos, na edição inaugural de *The Midwest Archivist*, um jovem arquivista teve a audácia de sugerir que os arquivistas de faculdades e universidades tivessem um papel mais ativo no processo de documentação de suas instituições. Dadas as mudanças dramáticas na profissão, desde então, algumas daquelas sugestões parecem ter sido mais ingênuas que premonitórias. Autores, raramente, têm uma segunda chance de rever seus trabalhos anteriores. Louvo, portanto, a oportunidade de examinar a profissão mais uma vez, nessa ocasião, a partir da perspectiva de um arquivista mais amadurecido.

Este artigo traça, primeiramente, as mudanças na profissão do arquivista com ênfase especial nos arquivistas de faculdades e universidades, principalmente por meio de levantamento estatístico. O restante do artigo examina os novos desafios e os papéis dos arquivistas de faculdades e universidades, enfocando o ambiente acadêmico em que trabalhamos, as implicações deste ambiente para os arquivistas, e algumas formas de melhorar tanto o processo de documentação do ensino superior quanto o acesso a essa documentação.

### **PASSADO E PRESENTE**

Ao longo das três últimas décadas, têm ocorrido frequentes e generalizadas mudanças na profissão dos arquivistas e, especialmente, no papel dos arquivistas de faculdades e

---

<sup>1</sup> Dr. Nicholas Burckel é diretor de bibliotecas e professor associado de História na Universidade de Marquette, EUA, e responsável indicado para a Comissão Nacional de Serviço de Publicações e Registros Históricos. Anteriormente, ele exerceu o cargo de diretor associado de bibliotecas da Universidade de Washington e professor adjunto associado da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade de Missouri. É membro da Sociedade Americana de Arquivistas (SAA) e ex-Presidente da Conferência dos Arquivos do Centro-Oeste e Coordenador da Academia de Arquivistas Certificados.

universidades. Em pesquisa com aproximadamente 1.400 instituições, dentre faculdades e universidades, com índice de resposta de 61% a 62%, essas instituições indicaram possuir um arquivo<sup>2</sup>. Os responsáveis pelos arquivos foram identificados tanto como "bibliotecário" quanto "arquivista", nos quais quase um quarto dedicavam menos de 10% do tempo de um profissional, membro da equipe, para o exercício dessa função. Cerca de dois terços dos arquivos acadêmicos foram fundados entre 1960 e 1972 e mais da metade de todos os arquivos acadêmicos detinham menos de 500 metros cúbicos de documentos.

Oito anos depois, Nicholas C. Burckel e J. Frank Cook, recorrendo a uma amostra de 110 faculdades e universidades nos Estados Unidos, e com um percentual de 88% de respostas, forneceram um perfil mais apurado dos arquivos acadêmicos, embora essa pesquisa tenha sido baseada em uma população menor do que a da pesquisa de 1972<sup>3</sup>. Em 1991, William Maher realizou uma pesquisa similar. Conquanto o seu instrumento de pesquisa tenha sido um pouco diferente, foi possível estabelecer comparações úteis, devido à semelhança entre as pesquisas. A maior variação ocorreu na amostra populacional utilizada, tendo em conta que a pesquisa dele alocava maior peso às instituições privadas (53,1%) e às instituições pequenas (42,7%) do que a pesquisa de Burckel-Cook. Tendo em mente essa ressalva, parece que nos dez anos decorridos entre esses dois grandes levantamentos, ocorreram algumas mudanças:

- o tamanho da equipe aumentou, em grande parte, por causa do aumento de utilização por estudantes e voluntários.
- o número de arquivistas com apenas curso de graduação diminuiu, assim como o número daqueles com doutorado. Houve um aumento no número de arquivistas com dois mestrados; desses, a maioria tinha um mestrado em Biblioteconomia [*Master in Library Science - MLS*] e outro mestrado em outra área.
- aumento significativo de participação em "workshops" no âmbito de programas sem diploma de graduação, refletindo o aumento da disponibilidade e variedade desses

---

<sup>2</sup> LELMUTH, Ruth W. I. 'fatos surpreendentes revelados pela pesquisa C & L', apresentados por Comissão dos Arquivos de Faculdade e Universidade na XXXVI Reunião Anual da Sociedade Americana de Arquivistas (SAA), Columbus, OH, 31 de outubro a 03 de novembro de 1972 (não publicado).

<sup>3</sup> BURCKEL, Nicholas C.; COOK, J. Frank. "A Profile of College and University Archives in the United States," *American Archivist* 45 (Fall 1982): 4 10-28.

programas na Sociedade Americana de Arquivistas (*Society of American Archivists - SAA*) e nos encontros regionais arquivísticos.

- em 1981 não existia a Academia de Arquivistas Certificados, e em 1991, menos de 20% dos arquivistas acadêmicos eram arquivistas certificados.
- em ambas as pesquisas, menos da metade das instituições tinham programas de gestão de documentos, revelando ligeiro aumento desses programas como sendo parte da responsabilidade dos arquivistas das universidades.
- as horas de serviço aumentaram, embora o número de consultas não.
- o uso funcional era geralmente consistente, com a maior parte dele sendo realizado pelos estudantes, seguido dos administradores.
- o orçamento anual médio mais que duplicou.
- a porcentagem de tempo gasto na maioria das funções de arquivo (avaliação, arranjo e descrição, referência (notação/fontes relacionadas/referência/destinação) e de gestão de documentos) não variou significativamente, mas maior porcentagem de tempo, do que registrada anteriormente, foi destinada à preservação e fiscalização,.
- as prioridades, em termos dos assuntos mais prementes, mudaram significativamente. A pesquisa anterior enfatizou o aumento do espaço e a redução de atrasos, enquanto a pesquisa de 1991 refletiu uma ênfase no maior incentivo à utilização dos acervos e à formação e especialização de pessoal mais abrangente<sup>4</sup>.

Outra maneira de examinar a mudança do papel dos arquivistas acadêmicos é traçar a sua ascensão, ao longo de cinquenta anos, até o seu domínio na SAA. Entre 1940 e 1990, o número de membros da Sociedade cresceu de menos de 250 para cerca de 3.000, e a porcentagem de mulheres mais que duplicou de menos de 25% para 54%. Em 1990, as faculdades ou universidades empregavam maior número de membros do que qualquer outro empregador institucional. A liderança da SAA reflete um aumento constante do papel das mulheres, um aumento no nível de instrução e maior participação de membros mais jovens. Arquivistas de instituições acadêmicas dominavam a maioria das posições na Sociedade. Em

---

<sup>4</sup> Os dados de 1991 foram extraídos a partir de um levantamento inédito realizado por William Maher, da Universidade de Illinois-Urbana-Champaign, e Diane Shaw, da Universidade de Lafayette.

1990, esses arquivistas representavam o maior percentual de membros do conselho editorial da revista *The American Archivist*. Naquele ano, arquivistas de faculdades e universidades superavam o segundo maior grupo de participantes (arquivistas de governos estaduais e locais), na reunião anual, em proporção de quase quatro para um, e representavam quase um terço de todos os participantes da sessão, de longe o maior número presente. Dezesete, dos últimos vinte e cinco, e todos os últimos nove presidentes vieram de instituições acadêmicas e eram arquivistas de faculdades e universidades ou ensinam/ensinaram cursos de arquivo nas universidades<sup>5</sup>.

A pesquisa mais recente e abrangente, "A\*Census", foi realizada na primavera de 2004, financiada com doação do Instituto de Serviços para Museus e Bibliotecas [*Institute for Museum and Library Services*]. Uma empresa de gerenciamento de pesquisa, trabalhando em estreita colaboração com a SAA e representantes de associações de arquivo regionais, desenvolveu e distribuiu a pesquisa para cerca de 12.000 indivíduos, dos quais responderam aproximadamente 42%. Por não ser uma pesquisa restrita a membros da SAA ou amostra aleatória das instituições acadêmicas, seus resultados variam um pouco em relação às anteriores. As respostas demonstraram que:

- os arquivistas de faculdades e universidades constituem o maior percentual de membros da SAA (36%), seguidos por arquivistas das agências governamentais (31,6%).
- as mulheres constituem cerca de dois terços da profissão (64,7%) e esse número está aumentando. Cerca de 80% dos novos arquivistas que ingressam na profissão são mulheres.
- comparando com valores obtidos há quase 50 anos, o número daqueles que possuem doutorado caiu de 18% para 8,4%, enquanto o número daqueles com mestrado aumentou significativamente. Desde 1982, o número de mestres em biblioteconomia [*Master's in Library Science*] ou grau equivalente, duplicou de 20% para 40%.
- os arquivistas de faculdades e universidades recebem, geralmente, uma média anual de salários (U\$46.882) mais baixos que os arquivistas do governo (U\$50.500) ou

---

<sup>5</sup> BURCKEL, Nicholas C. "The Society: From Birth to Maturity" *American Archivist* 61 (Spring 1998): 12-35.

aqueles de organização com fins lucrativos (U\$55.022). Esse padrão também é válido para os gestores de arquivos.

- Em média, as mulheres ainda ganham menos que os homens (U\$42.603 contra U\$48.296); mas a diferença está diminuindo. Para aqueles contratados a partir de 2000, a diferença é inferior a U\$1.000<sup>6</sup>.

Especificamente em relação aos arquivistas de faculdades e universidades que responderam à pesquisa há dados interessantes, que não foram coletados em levantamentos anteriores:

- as mulheres constituem cerca de dois terços dos arquivistas das faculdades e universidades.
- pouco mais de 60% se autotranscrevem como arquivistas ou curadores de manuscritos, seguidos de 11% que têm outra profissão, mas cujas responsabilidades incluem atividades relacionadas aos arquivos e 8% que gerenciam um programa que emprega arquivistas.
- a grande maioria dos entrevistados, 91%, era de cor branca.
- o principal meio de formação em estudos de arquivo foi a pós-graduação (41,7%), seguido por educação permanente (21,5%).
- previsivelmente, os temas mais citados em educação permanente foram digitalização, direitos autorais, preservação de registros eletrônicos e gestão de bens midiáticos e digitais.
- 60% dos arquivistas de faculdades e universidades trabalham para seu empregador atual há dez ou menos.
- apenas 40% indicaram que o trabalho em arquivo constituía a sua primeira carreira.
- quase 25% planejam se aposentar nos próximos nove anos, e 27%, nos próximos dez a dezenove anos.

---

<sup>6</sup> WALCH, Victoria Irons. "A\*Census: a first look at the archival community in The Midwest," Midwest Archives Conference, Des Moines, IA, 29 de outubro de 2004.

- surpreendentemente, apenas 27% indicaram afiliação a uma organização arquivística nacional ou internacional; 22,3% em uma associação de arquivo regional, e 13,5% em uma associação de Ciência da Informação e Biblioteconomia<sup>7</sup>.

Se muitas mudanças têm ocorrido na profissão, muitas mudanças também têm ocorrido na comunidade arquivística das faculdades e universidades. A mudança mais óbvia foi o impacto da tecnologia da informação, uma mudança que vem se acelerando. Como Helen Tibbo observa no Capítulo 2 deste volume, a tecnologia digital e a *world wide web* ainda não de mudar as nossas funções de avaliação, arranjo e descrição, referência, e preservação, mas elas já têm afetado dramaticamente a forma como nós executamos essas funções. Uma apuração informal dos arquivistas de faculdades e universidades, realizada no outono de 2004, identificou diversas mudanças, nos últimos vinte anos:

- A evolução da descrição padronizada de documentos digitais refletida na adoção do padrão MARC EUA AMC - adaptado do registro bibliográfico criado por bibliotecários para catalogar livros. Mais recentemente, os arquivistas de faculdades e universidades começaram a usar EAD<sup>8</sup> como um padrão descritivo.
- A maior disponibilidade de instrumentos de pesquisa institucionais e, posteriormente, uma quantidade seleta de material de arquivo disponível em formato digital, via *world wide web*.
- A mudança de acesso aos acervos *in loco* para acesso remoto. Em alguns casos, os usuários podem usar o material disponibilizado em um *site* institucional, sem deslocar-se até o arquivo. Em outros casos, instrumentos de pesquisa virtuais auxiliam pesquisadores a localizarem o que precisam, com mais precisão, antes de visitarem o arquivo. Por fim, o conhecimento da existência de documentos arquivísticos impulsionou maior número de solicitações via *e-mail*, transferindo, eventualmente, parte da pesquisa que o usuário teria que realizar no arquivo para o arquivista responder à consulta.

---

<sup>7</sup> Agradecimento à Ann Mallinger dos *Serviços de Tecnologia de Informação* da Marquette University, por seu auxílio nas análises dos dados sobre arquivos de faculdades e universidades contidos na pesquisa "A" *Census* de 2004, produzida pela Society of American Archivists.

<sup>8</sup> Sigla para *Encoded Archival Description*.

- O surgimento de documentos de "origem digital", os quais começam a ser recolhidos aos arquivos.
- O ligeiro declínio do tempo gasto em avaliação. Apesar da diminuição, o número ainda gira em torno de 10%. Isso pode ocorrer porque, mesmo sem um sistema de gestão de documentos coerente, documentos importantes de certas repartições, uma vez identificados, passam a não exigir o mesmo grau de avaliação quando de entrada subsequente.
- A diminuição geral do tempo dedicado ao arranjo e à descrição, à medida que outras atividades obrigam os arquivistas a dependerem de lista de entrada de documentos para acesso adequado aos mesmos. As descrições do fundo documental estão, hoje em dia, amplamente disponíveis na web.
- Os fundos documentais são hoje mais amplamente conhecidos que no passado, devido, principalmente, ao fato de que os instrumentos de pesquisa, antes gerados manualmente, vêm sendo digitalizados e disponibilizados por meio de sites institucionais e os novos acervos vêm sendo listados em catálogos *on-line* do campus. O impacto tem sido no aumento do número de solicitações, especialmente daquelas não relacionadas à pesquisa acadêmica. Isso resultou em um aumento substancial em visitas virtuais ao arquivo, em uma queda acentuada no correio tradicional e em declínio menos acentuado em visitas *in loco*. Frequentemente, visitantes virtuais não-acadêmicos necessitam de assistência significativa da equipe do arquivo, ou porque o usuário tem apenas um pedido vago (por exemplo: "O que você tem em seus arquivos sobre os protestos estudantis na década de 1960?") ou porque ela/ele quer uma informação específica, não facilmente disponível (por exemplo: "Quem foi a pessoa mais jovem a se formar na universidade?"). Porquanto os arquivistas têm aumentado a consciência dos usuários sobre os arquivos e seu acesso, tornando-os facilmente disponíveis para os não-acadêmicos, esses usuários frequentemente têm expectativas irreais sobre o que os arquivistas podem fazer e sobre o prazo em que podem ser atendidos. Alguém que escrevia uma carta esforçava-se muito mais do que o usuário que, simplesmente, faz uma pesquisa no Google e envia uma consulta por *e-mail*.

- A ênfase contínua e uniforme na gestão de documentos, por parte de instituições acadêmicas, em razão da preocupação com questões legais: desde pesquisa em seres humanos, auditorias, regulamentos de Administração de Segurança e Saúde Trabalhista [*Occupational Safety and Health Administration* - OSHA], privacidade, direitos autorais e patentes, até o assédio sexual e a discriminação racial. Embora tenha havido algum crescimento nessa área, a maioria das instituições não tem colocado maior ênfase na gestão de documentos que haviam feito no passado, e não tem um processo formal de elaborar tabela de temporalidade de documentos. Documentos retidos por um período determinado tendem a ser os documentos financeiros.
- Um declínio de ênfase na preservação. Apesar de sua posição dominante há vinte anos, a preservação ainda ocupa apenas cerca de 5% dos esforços dos arquivistas. Isso é um tanto surpreendente, dada a rápida mudança de suporte papel para documentos eletrônicos, e a mudança ainda mais rápida do suporte de armazenamento de informações digitais (por exemplo, disquetes, *zip drives*, CD-ROMs e discos rígidos) e a evolução do *software* necessário para ler as informações. Esse não é, claramente, problema que se restringe unicamente a arquivos das faculdades e universidades.
- Um aumento do apoio dos arquivistas a repartições localizadas no *campus*, tais como os escritórios de captação de recursos, de assuntos afetos a ex-alunos, de relações públicas e bibliotecas. Conquanto tenha aumentado a visibilidade dos arquivos, isso tem acarretado mais esforço no preparo de exposições, na participação de trabalhos em comissão e no incremento da presença do arquivo no *site* da instituição. Normalmente, esse aumento de trabalho não tem sido compensado suficientemente por um aumento comparável da equipe. A ênfase passou das operações secundárias à promoção de maior conhecimento e uso dos arquivos.
- Um aumento do envolvimento dos arquivistas, direto ou indireto, na captação de recursos. À medida que a responsabilidade de captar fundos para as prioridades da universidade desloca-se ainda mais para a base da hierarquia administrativa, aumenta-se a pressão para buscar fundos ou recursos ou doações para projetos especiais ou novas iniciativas. Os arquivistas também descobriram que não basta dar entrada e

processar documentos. Cada vez mais, eles devem buscar formas de promover o uso dos arquivos e comercializar os seus serviços. Em uma era de excesso de informação, eles precisam captar a atenção de potenciais usuários que têm sempre à mão uma rica variedade de outras fontes de informação<sup>9</sup>.

## NOVOS PAPÉIS E DESAFIOS

Arquivistas de faculdades e universidades necessariamente, operam dentro de um contexto mais amplo que o das suas instituições de origem, enquanto a academia, por sua vez, opera no contexto de mudança das necessidades e expectativas da sociedade. Reconhecer e se adaptar a essas mudanças é crucial para a viabilidade dos arquivos acadêmicos. Alguns dos principais fatores-chave aos quais precisamos reagir, incluem: (a) a relação do nosso trabalho com a missão do *campus*, (b) a necessidade de avaliação institucional, (c) a ampla difusão da tecnologia digital e o respectivo surgimento de normas nacionais e treinamento formal, e (d) o aumento do nível de expectativas do usuário por um acesso imediato e abrangente de informações em formato digital.

### Missão Institucional e da Biblioteca

No momento em que se exige dos envolvidos no ensino superior fazer mais com menos recursos, as faculdades e as universidades estão analisando quão satisfatoriamente os seus programas apoiam as missões das suas instituições. Os programas que não apoiam diretamente a pesquisa dos acadêmicos e o ensino ou a aprendizagem dos alunos são vulneráveis. O arquivista da Universidade do Estado de Ohio, Raimund Goerler, observa que o desafio para a maioria dos arquivistas que trabalham no âmbito da biblioteca de sua universidade é "integrar os arquivos institucionais mais estreitamente com os materiais convencionais de bibliotecas, especialmente por meio de acesso dos instrumentos de pesquisa *on-line* e *sites* sofisticados. Somente dessa forma terão os arquivos uma chance de estar na lista de prioridades de recursos da biblioteca. A *web* tornou essa integração possível,

---

<sup>9</sup> Esta informação tem base em sondagem informal, incluindo as seguintes instituições: Amherst, Auburn, Clemson, Emory, de Harvard, em Louisville, Marquette, Michigan State, Oberlin, Ohio State, Ohio. Penn Slate, Princeton, Pittsburgh, Rutgers, Texas A & M, e Wisconsin-Madison.

ao passo que no passado, arquivos e acervos especiais encontravam-se mais isolados dentro do ambiente da biblioteca<sup>10</sup>. A falta de recursos, mesmo em universidades abastadas, sugere que esse não é apenas um problema das pequenas instituições ou daquelas com recursos modestos. Frederick Honhart, arquivista da Universidade do Estado de Michigan descreve a situação de outra maneira: "Você deve mostrar de forma contínua por quê o arquivo é importante naquilo que se propõe, e, em seguida, que é relevante na universidade de hoje e de amanhã"<sup>11</sup>. Ben Primer, da Universidade de Princeton, vê duas razões para isso: "primeiro, somos vistos como um luxo que não é vital para o trabalho das instituições e, segundo, esbarramos no fato de que representamos um custo direto, e não indireto"<sup>12</sup>. O problema de recursos não é novo, e sua persistência sugere que sempre será um problema para os arquivistas. Precisamos, portanto, encontrar melhores maneiras de competir por recursos institucionais.

### **Avaliação**

Um dos problemas que os arquivistas de faculdades e universidades têm enfrentado é que, conquanto forneçam uma boa documentação dos setores administrativos e documentos oficiais, realizam um trabalho muito menos completo na documentação das atividades dos professores e dos estudantes. O que ocorre em sala de aula, o que a faculdade realmente ensina, quão bem os alunos aprendem, e quais documentos temos para avaliar os resultados da aprendizagem?

Há trinta anos essas questões não foram respondidas por documentos em posse de arquivos universitários; em vez disso, respostas tiveram de ser inferidas a partir de documentos localizados em arquivos de faculdades, alguns dos quais podem ter sido encaminhados aos arquivos. A "avaliação" dos resultados do aprendizado traduzia-se no simples domínio do conteúdo do curso, conforme refletido em nota semestral única. A prestação de contas, crescentemente exigida por doadores, contribuintes, governo estadual

---

<sup>10</sup> COERLER, Raimond. conversa pessoal com o autor, 15 de outubro de 2004.

<sup>11</sup> LONHART, Frederick I, conversa pessoal com o autor, 13 de outubro de 2004.

<sup>12</sup> PRIMER, Ben, conversa pessoal com o autor, 9 de outubro de 2004.

e federal, pagadores de mensalidade, e as agências regionais de credenciamento de ensino superior, têm obrigado as universidades a se concentrarem no que os alunos aprendem, em vez de no número de disciplinas cursadas ou na quantidade de tempo gasto em sala de aula, refletidos em crédito/horas. Essa mudança de ênfase apresenta, simultaneamente, um desafio e uma oportunidade para os arquivistas. O maior desafio é jurídico, envolvendo principalmente direitos de privacidade; a grande oportunidade é o aumento da disponibilidade de evidências, facilmente coletadas, relativas à aprendizagem do aluno. Exemplos não faltam, mas dois deles são suficientes: *software* de gestão de cursos (CMS) e serviços de detecção de plágio. A maioria das universidades oferece, quando não exige que todos professores o utilize, algum tipo de CMS. Atuais exemplos populares são *Blackboard* e *Desire2Learn*. Conquanto cada um ofereça recursos adicionais exclusivos, seus pacotes básicos fornecem um *site* acessível, via *web* digital, utilizado para comunicação entre o professor e os alunos matriculados no curso. Informações típicas incluem a ementa, as leituras recomendadas (incluindo *links* para o texto completo de artigos eletrônicos reservados), exemplos de testes, esboços de palestra, tarefas especiais e arquivo de discussões ou de sessões de bate-papo. Os alunos podem fazer testes *on-line* e testes com *feedback* imediato. Eles também podem enviar monografias, relatórios de laboratório ou projetos de grupo, diretamente para o professor ou para toda a classe, como se faz frequentemente em um seminário. Essa informação fornece a melhor evidência, até agora, sobre "o quê" e "como" os alunos estão aprendendo. Essa informação é criada no decorrer do semestre e proporciona um tipo de documentação indisponível há menos de uma década."

O uso generalizado de reservas eletrônicas, disponíveis através de CMS ou catálogo *on-line* de biblioteca, é uma oportunidade para os arquivistas introduzirem o uso de fontes primárias nas disciplinas, sem acarretar risco de danos aos arquivos e sem exigir dos estudantes a visita aos arquivos em horários limitados. Utilizando-se de CMS, partes dos arquivos podem ser selecionadas e digitalizadas para acesso em disciplinas específicas, sem torná-las disponíveis para todos, caso isso seja desejado. Frequentemente fontes primárias não se prestam à uma busca fácil por palavras, devido a emendas no texto e à má qualidade

do texto digitado, que dificulta o reconhecimento óptico de caracteres. Mas até mesmo um PDF pode impulsionar o aumento da utilização e da compreensão de fontes primárias.

O mero fato de a informação ser mais fácil de acessar, entretanto, não assegura que ela vá sobreviver ou que possa ser utilizada para fins de investigação. Isso não significa que os arquivistas devam simplesmente esperar que a jurisprudência evolua. A entrada de documentos em arquivos do governo tem sido aprovada rotineiramente, tais como: testemunho do grande júri, documentos de adoção e dados clínicos de saúde, que devem ser mantidos em sigilo por longos períodos. Caso não aceitassem esse tipo de acervo, os arquivos do governo não estariam em posição de responder às mudanças na legislação que permitem o acesso a documentos de adoção e de saúde, sob certas condições. Embora não seja realista esperar que alguma instituição capture todas as informações sobre todas as disciplinas, talvez fosse útil iniciar estudos sobre como documentar o aprendizado do aluno, de forma bem mais limitada, trabalhando com a assessoria jurídica, professores e tecnólogos da informação, para encontrar uma forma de proteger a privacidade, mas também de preservar a maior parte do conteúdo da disciplina. A seção da SAA de arquivos de faculdades e universidades deveria considerar a investigação da problemática de como documentar da melhor forma a aprendizagem dos alunos e, com base nos resultados da investigação, desenvolver diretrizes e estratégias. Nas universidades mais famosas bibliotecários estão investindo, de forma significativa, em iniciativas digitais elaboradas para melhorar o ensino e a pesquisa e para apoiar o movimento em prol da avaliação do aprendizado. Os arquivistas precisam participar dessas discussões.

Um ponto de partida poderia ser a discussão e a agenda de pesquisa relacionada aos documentos dos alunos, sugeridos por Tamar Chute e Ellen Swain. A pesquisa delas com arquivistas que lidam com a Lei dos Direitos Educacionais e Privacidade da Família, atraiu uma variedade de respostas. Um entrevistado observou que "A principal razão de uma universidade existir é para servir a seus alunos - quando a experiência dos alunos não é documentada, surgem questionamentos sobre todo o registro histórico de uma instituição acadêmica"<sup>13</sup>. Os autores concluem, de forma pessimista, que pouco mudou desde que

---

<sup>13</sup> Uma abordagem complementar que resume o projeto-piloto da *University of Michigan*, see Nancy

Marjorie Barritt relatou, há quase vinte anos, que "os arquivistas estão permitindo que as repartições destruam os documentos dos alunos ao invés de transferí-los para os arquivos."<sup>14</sup>

### **Tecnologia**

Outro fator que influencia o nosso trabalho é a difusão e o impacto da tecnologia digital. Se o passado é prólogo, os problemas futuros a serem enfrentados por arquivistas de faculdades e universidades já podem ser vislumbrados em preocupações atuais. Claramente, a questão mais importante é o papel do arquivista na gestão de documentos eletrônicos. Frederico Ionhart chega ao ponto de escrever: "Se nós não lidarmos com este problema, os arquivos, como os conhecemos, serão extintos"<sup>15</sup>. Leon Stout, chefe dos serviços públicos e divulgação da Biblioteca do Acervo Especial da Família Eberly, na Universidade do Estado da Pensilvânia, caracteriza esse problema como "uma grande represa ameaçando um vale com seu número crescente de rachaduras e vazamentos que poderá desaguar, rapidamente, em torrentes"<sup>16</sup>. Um grande trabalho de pesquisa e desenvolvimento nesta área envolvendo os Arquivos Nacionais, as instituições acadêmicas e o mundo corporativo é uma grande promessa, mas as faculdades e as universidades não podem simplesmente esperar por uma solução única que, de repente, torne-se, amplamente disponível a um custo acessível<sup>17</sup>.

Para os arquivistas, uma função correlata à tecnologia tem a ver com a gestão de documentos. Como observado anteriormente, as instituições têm sido lentas na tarefa de centralizar essa função, tanto dentro dos arquivos universitários quanto em unidade separada de todo o *campus*. O impacto da tecnologia tornou esse problema mais fácil, e ao mesmo tempo, mais complexo para resolver. Tendo em conta que tem sido gerado e mantido crescentemente em formato eletrônico, há menos pressão para remover arquivos das

---

Deromedi, "Personal Faculty Websites: Exploring Archival Issues and Digital Convergence," *Archival Issues* 29 (2005): 9-18.

<sup>14</sup> CHUTE, Tamar G. ; SWAIN, Ellen D., "Navigating Ambiguous Waters: Providing Access to Student Records in the University Archives," *American Archivist* 67 (Fall/Winter 2004): 212-33. Ver também Kelly Field, "Education Department Considers Revisions to Privacy-Lavv Regulations, Official Says," *Chronicle of Higher Education* (April 8, 2005): A21.

<sup>15</sup> LONHART, Frederick I, conversa pessoal com o autor, 13 de outubro de 2004.

<sup>16</sup> STOUT, Leon, conversa pessoal com o autor, 24 de setembro de 2004.

<sup>17</sup> OAH Newsletter 32, no. 1 (Fevereiro 2004): II; *Archival Outlook* (Set/Out 2004): 24.

entidades produtoras, cujas áreas de ocupação são dispendiosas. No entanto, a própria fragilidade dos documentos eletrônicos e a necessidade de acessar as informações, mesmo quando o *software* muda, complica o problema. A experiência de Roland Baumann, da Faculdade Oberlin é, provavelmente, típica para muitos arquivistas: "Eu ainda tenho que usar a arte da persuasão na aquisição/transferência de documentos institucionais. Nós ainda não temos as diretrizes aprovadas para a administração de documentos eletrônicos"<sup>18</sup>.

Outra grande inovação gerada pela tecnologia continuará a influenciar os arquivistas de faculdades e universidades. Não havia *world wide web* há vinte anos e o *e-mail* estava apenas começando. Agora, ambos são essenciais para a comunicação com nossos usuários e potenciais usuários. A conversão de instrumentos de pesquisa em papel para o formato digital foi concluída pela maioria dos principais custodiadores e os novos instrumentos de pesquisa estão sendo criados em formato digital. Para os arquivistas, o processo tem sido semelhante ao dos bibliotecários que passaram décadas em projetos de conversão massiva retrospectiva, transformando catálogos de papel em catálogos digitais *on-line*. Embora a mudança para o ambiente eletrônico tenha representado uma vantagem para os usuários, o trabalho e o custo de conversão, acarretaram frequentemente, um acúmulo crescente de acervos não processados, enquanto a equipe se concentrava na conversão. O impacto também foi sentido pela equipe, que agora recebe mais perguntas sobre os acervos, acompanhadas da expectativa de respostas rápidas. Arquivistas acolheram bem o uso intensivo de seus acervos, mas aumentou a pressão sobre os seus orçamentos, já limitados. A *web* se tornará muito mais importante à medida que as ferramentas de busca, como Yahoo, Google e o A9 da Amazon começarem a indexar o conteúdo da *web* de forma mais ampla e mais profunda<sup>19</sup>.

A tecnologia e as normas caminham lado a lado. A tecnologia tornou a aplicação de normas mais fácil ao criar um modelo para descrever e organizar as informações; as normas facilitaram o trabalho da tecnologia em fornecer informações consistentes. O professor Derek

---

<sup>18</sup> BAUMANN, Roland, conversa pessoal com o autor, 23 de setembro de 2004. Baumann sugeriu prazos de guarda e tabela de temporalidade para as divisões acadêmicas e departamentos universitários, bem como tabela de temporalidade para unidades administrativas. As tabelas estão disponíveis em: [www.oberlin.edu/archive/records/index.html](http://www.oberlin.edu/archive/records/index.html).

<sup>19</sup> RICHARDSON, Chris, "Amazon Enters Search Engine Fray with A9," *WebProNews*, 14 de abril de 2004, <http://www.wcbpronews.com/insidcrreports/searchinsider/wpn-49-20040414AmazonEntersSearchEngineFrayWithA9.html>.

Law, da Universidade de Strathclyde, em Glasgow, na Escócia, resumiu a necessidade de normas de garantia de qualidade, reivindicando o equivalente eletrônico dos testes de Maori para arquivos orais:

1. Receba as informações com precisão.
2. Armazene as informações com integridade incontestável.
3. Recupere a informação sem alterações.
4. Aplique julgamento apropriado na utilização da informação.
5. Repasse a informação de forma adequada<sup>20</sup>.

Vivemos, cada vez mais, em uma era de abundância e complexidade de informação (por exemplo, a diversidade dos formatos de informação, além de texto e fotografias). Isto nos obriga a passar mais tempo integrando descrições de nossos acervos em sistemas bibliográficos maiores (em âmbito local e nacional) e disponibilizando em formato digital as partes mais frequentemente utilizadas dos nossos acervos. A combinação de normas nacionais de informação (NISO, ANSI e outros) e a tecnologia digital possibilita aos arquivos a oportunidade de se tornarem parte da principal corrente de informação, estendendo o seu alcance a potenciais usuários e enriquecendo a qualidade da pesquisa. Essa possibilidade oferece aos arquivistas a oportunidade de demonstrar a sua contribuição para os objetivos das bibliotecas acadêmicas, ao destacar os materiais institucionais exclusivos e adotar tecnologia que liberta pesquisadores das limitações geográficas.

### **Educação**

Há trinta anos, quando escrevi sobre a expansão do papel dos arquivos acadêmicos, o credenciamento para uma educação padrão era uma licenciatura em História, de preferência com um mestrado. A melhor qualificação para entrar nesse campo era um treinamento em arquivo sob a supervisão de um arquivista veterano, ao invés de um curso formal de arquivo. Isso mudou significativamente. Agora, a credencial básica para profissionais em cargos iniciais é um mestrado em Biblioteconomia, com concentração em arquivo, obtido por meio de um

---

<sup>20</sup> *Elsevier Library Connect Newsletter* 2 (Dezembro, 2004): 8; Michele V. Cloonan and Shelby Sanett, "The Preservation of Digital Content," *portal: Libraries and the Academy* 5 (2005): 213-37.

programa credenciado na ALA. Uma pesquisa realizada na lista dos empregos ofertados no *Archival Outlook*, em sessenta e três faculdades e universidades, de novembro de 2002 a outubro de 2004, capta essa mudança. Quase 90% deles exigem um MLS, enquanto 8% adicionais, preferem o diploma. Por outro lado, menos de 60% exigem um mestrado em História ou outro campo apropriado, o que presumivelmente inclui um MLS. Apenas 6% exigem certificação da Academia de Arquivistas Certificados ou da Associação dos Gestores de Documentos e Administradores, embora 11% adicionais a prefiram isso. Há trinta anos, havia pouca menção de habilidades relacionadas com o computador. Quase um terço de todos os empregos listados nesta pesquisa exigiam ou davam preferência àqueles com habilidade geral com computadores, e um número significativo adicional especificou *web design*, gestão de banco de dados, descrição arquivística codificada e controle bibliográfico. De longe, a habilidade arquivística mais requisitada ou preferida (41%) refere-se ao conhecimento ou entendimento de catálogos e das normas e práticas de metadados como o AACR2, MARC, LCSH, DACS e Dublin Core, refletindo a influência de normas comuns, computação e integração com bibliotecas.

Os anúncios de emprego dessa pesquisa incluíram, como requisito básico ou preferencial, uma ampla experiência em arquivo. "Experiência com processamento" foi a exigência mais listada (44%), enquanto "experiência com documentos eletrônicos" ficou relegado aos requisitos menos exigidos, junto com o "desenvolvimento de acervos" ou "experiência com preparação de exposições". Previsivelmente "grandes habilidades em comunicação" foram as mais indicadas (70%), seguidas da "capacidade de trabalhar de forma colaborativa" (44%); uma habilidade que provavelmente não teria sido enfatizada há trinta anos<sup>21</sup>.

### **Acesso**

Durante o período de crescimento do ensino superior na década de 1960 e 1970, os arquivistas enfatizaram mais as aquisições que o acesso. Eles estavam preocupados com a

---

<sup>21</sup> Agradecimentos à Michelle Sweetser do Departamento de Acervos Especiais e Arquivos Universitários da *Marquette University* por ter compilado os dados sobre ofertas de emprego na *Archival Outlook*.

necessidade de recolher o material antes de sua perda ou destruição, e menos preocupados com o nível imediato de uso. Agora, entretanto, a pressão dos usuários para o pronto acesso à informação tem forçado os arquivistas a prestarem mais atenção à melhoria do acesso. O Dr. S. Venkadesan, chefe de serviços da biblioteca do Instituto Indiano de Ciência em Bangalore, Índia, identificou o acesso aos arquivos como "um desafio superior para profissionais da informação de hoje." Em particular, ele enfoca os "arquivos correntes" - dados organizados em acervos de informação que são facilmente recuperados<sup>22</sup>. O Departamento de Acervos Especiais da UCLA está aumentando o acesso aos seus "acervos ocultos" (arquivos não tratados) por meio de um programa inovador no Centro Universitário para Treinamento e Pesquisa Elementar. O centro associa os estudantes de graduação em contato com os acervos de sua área de interesse, os quais ainda não foram tratados. Os alunos recebem treinamento em arranjo e descrição e o resultado do seu trabalho fornece as informações necessárias para criar os registros MARC. A Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), contribuiu com maior número de instrumentos de pesquisa acessíveis na Biblioteca Digital e no Arquivo Online da Califórnia mais do que em qualquer outra instituição. O acesso a imagens em vídeos no arquivo imagéticos apresenta uma série de desafios, mas o trabalho em andamento no Centro de História Digital da Virgínia, e em outras universidades, representam uma promessa para um melhor acesso a esse material em posse dos arquivos de faculdades e universidades.

Inicialmente, a automação nos permite usar a tecnologia para realizar tarefas que, no passado, fazíamos manualmente. Um exemplo óbvio é a automação da criação de instrumentos de pesquisa, permitindo-nos revisar rapidamente, quando necessário. Eventualmente, a tecnologia não apenas automatiza as operações manuais, mas cria oportunidades para fazer novas ações que antes não eram possíveis. Por exemplo, a digitalização permitiu a busca textual sofisticada e um compartilhamento difuso de informação por meio da Internet. Atualmente, precisamos ir além da automatização de procedimentos manuais. Devemos olhar para os nossos usuários para entender as necessidades futuras. A geração "Net" é muito mais atenta às imagens do que a textos densos. Anunciantes *on-line* sabem disso e instituições acadêmicas estão aprendendo. Isto não

---

<sup>22</sup> Elsevier Library Conned Newsletter 2 (December 2004): 9.

é um argumento para abandonar o texto, mas sugere a necessidade de mas sugere a necessidade de complementar com apelos visuais (ou com imagens) a nossa tradicional dependência dos textos para envolver o público mais jovem<sup>23</sup>.

## **INICIATIVAS ARQUIVÍSTICAS<sup>24</sup>**

As prestações de contas<sup>25</sup>, a avaliação, a revolução digital, as normas técnicas, as mudanças de requisitos educacionais para entrar nessa área de estudo e o aumento das expectativas dos usuários estão afetando os arquivos universitários. A forma como nós respondemos a essas mudanças irá determinar o quão viável são os nossos programas de arquivo. A seguir, encontram-se algumas sugestões sobre o que podemos fazer para desempenhar um papel mais efetivo no atendimento das necessidades de nossas instituições e o vasto mundo do ensino superior por meio de uma melhor documentação e maior colaboração entre instituições arquivísticas.

### **Documentação**

Durante os anos 1980, os arquivistas enfatizaram a necessidade de gestão de documentos. Para arquivistas de faculdades e universidades aquela estratégia decorria da missão da instituição acadêmica e o compromisso tradicional de registrar o documento administrativo, legal, financeiro e histórico da instituição. Documentos antigos, de professores distintos, foram procurados para complementar os documentos oficiais da universidade. Atualmente, o uso generalizado de computadores individuais aumenta a probabilidade de que se pode perder a produção do corpo docente, incluídas suas pesquisas e correspondência, ao mesmo tempo em que é possível, tecnicamente, capturar um registro mais completo da sua atividade. Discos rígidos das faculdades contêm uma riqueza de informações e os arquivistas

---

<sup>23</sup> Elsevier Library Conned Newsletter 2 (December 2004): 8.

<sup>24</sup> CARLSON, Scott., "The Revolution Will Re Digital," *Chronicle of Higher Education* 51 (29 de abril de 2005): A30-32.

<sup>25</sup> LIPPINCOTT, Joan K., "Net Generation Students and Libraries," in *Educating the Net Generation*, ed. Diana G. Oblinger and James L. Oblinger (Boulder, CO: EDUCAUSE, 2005), Chapter 13, 1-15, <http://www.educause.edu/NetGenerationStudentsandLibraries/6067>.

precisam trabalhar com o corpo docente para garantir a retenção de documentação importante.

Não foi apenas a informação anteriormente registrada em papel que migrou para o digital, mas também grande parte de conversas telefônicas. As conversas telefônicas, essencialmente, eram documentação perdida; não precisa acontecer o mesmo com o *e-mail*, que substituiu tanto a correspondência impressa quanto o telefone, como principal meio de comunicação. Embora esses problemas venham carregados de questões jurídicas, os arquivistas precisam inteirar-se dos assuntos derivados de novas tecnologias e formas de comunicação.

Não há estatísticas publicadas confiáveis sobre a quantidade de tráfego de *e-mail* em instituições acadêmicas, mas um relatório estimou que, em 2002, eram enviados 31 bilhões de *e-mails* por dia, com estimativa de crescimento previsto para 60 bilhões até 2006<sup>26</sup>. Mesmo que a metade disso seja *spam*, o valor restante ainda assombra. Ainda que sejam resolvidas questões legais de acesso ao conteúdo de e-mails criados por funcionários da universidade, durante o curso de suas atividades e trabalhando em equipamento da própria universidade; separar o joio do trigo representa desafio igualmente difícil.

*Blogs* representam outra fonte de documentação evanescente. Um recente levantamento de *blogs* estimou que mais de quatro milhões foram criados nos sete principais serviços de hospedagem<sup>27</sup>. Estima-se que um novo *blog* é criado a cada 7,4 segundos, equivalente a 12.000 novos *blogs* por dia<sup>28</sup>. Professores criam os seus respectivos *blogs* como veículo para compartilhar suas opiniões e pesquisa, e como uma forma de ampliar a discussão sobre temas de seu interesse.<sup>29</sup> Embora seja tentador reduzir os *blogs* a um modismo ou inovação do dia, o professor Dan Hunter da Wharton School pensa de forma contrária:

---

<sup>26</sup> Online Computer Library Center, "2004 Information Format Trends: Content, Not Containers," pp. 4-5, <http://www.oclc.org/reports/2004format.htm>.

<sup>27</sup> *Ibid.*, 7.

<sup>28</sup> "The Future of Blogging," CNET, 5 de abril de 2005, [http://news.com.com/Thc+fulurc-of+blogging/2030-1069\\_3-5654288.html?tag=ht ml. alert](http://news.com.com/Thc+fulurc-of+blogging/2030-1069_3-5654288.html?tag=ht ml. alert).

<sup>29</sup> LUKER, Ralph E., "Were 1 here Blog Enough and Time," *Perspectives: Newsmagazine of the American Historical Association* 43 (May 2005): 29-32. See, for example, <http://mu-warrior.hlogspot.com>. I or a summary ol the use ol blogs at the University of Minnesota Libraries, see <http://www.aerl.org/ala/acrl/aboutacrl/acrlsections/universitylib/liostonC urrentTopics.htm>.

"Tratava-se da ascensão do conteúdo amador, que está substituindo um conteúdo centralizado e controlado, produzido pelos profissionais"<sup>30</sup>. Mais especificamente, de acordo com o seu diretor associado de admissões, a Wharton School está usando *blogs* como ferramenta de *marketing* "para divulgar informações para os candidatos da escola e para acompanhar os desenvolvimentos de outras universidades"<sup>31</sup>. O professor Lawrence Lessing, da escola de Direito de Stanford, que tem sido um defensor vigoroso de mudanças na lei de direitos autorais, é um blogueiro ativo. Ele observou que todos os seus artigos em revistas jurídicas têm gerado retorno de apenas cerca de dez retornos. Em contraste, ele pontuou: "Quando eu posto coisas no *blog*, eu recebo, literalmente, centenas de *e-mails* sobre as coisas que postei, o tempo todo"<sup>32</sup>. Deveriam os arquivistas absorver alguns desses modismos em comunicações, utilizados por estudantes e professores e, acessíveis de forma gratuita?

Considerando-se que a quantidade de informação digital é avassaladora, aqueles que a procuram *on-line* querem que seja muito mais precisa do que uma simples informação bibliográfica ou metadados no âmbito do acervo ou do depósito. A Outsell, empresa de pesquisa e consultoria que enfoca "a indústria de conteúdo de informação", captou a forma como a tecnologia está transformando a criação e a comunicação da informação e o seu impacto nas bibliotecas. Seu relatório também tem implicações para os arquivos. De forma crescente, o relatório observou "Os usuários querem porções granulares de informações e dados, no momento da necessidade e no formato certo... Dessa forma, o mantra será: 'Tudo, em toda parte, quando eu quero, do jeito que eu quero'"<sup>33</sup>.

Um tema que tem ocupado os bibliotecários, muito mais do que os arquivistas, é a questão da comunicação científica, refletida em programas e atividades do *Council on Library and Information Resources* (Conselho de Bibliotecas e Recursos de Informação), *The*

---

<sup>30</sup> "The Future of Blogging," CNET, 5 de abril de 2005, [http://news.eom.com/lhe+future-of+blogging/2030-1069\\_3-5654288.html?tag=html.alert](http://news.eom.com/lhe+future-of+blogging/2030-1069_3-5654288.html?tag=html.alert).

<sup>31</sup> *Ibid.*

<sup>32</sup> DAYAL, Oeeta., "What If Professors Could Lecture 24-7? Blog Culture Invades Academia," Educational Supplement, *The Village Voice* (Spring 2005), <http://villagevoice.com/arts/0515,edsuppdalay,62903,12.html>.

<sup>33</sup> CORCORAN, Mary, "Trend Alert: The Future of Libraries," *Information About Information Briefing*, Outsell 7 (January 9, 2004): 2. Report available for purchase at <http://www.outsellinc.com/store/products/>.

*Association of College and Research Libraries* (da Associação de Bibliotecas Universitárias e de Pesquisa), e *The Association of Research Libraries* (Associação das Bibliotecas de Pesquisa). Por sua vez, essa atividade tem gerado uma série de novas organizações como *Coalition for Networked Information* (a Aliança para Informação em Rede), *Digital Library Federation* (Federação de Biblioteca Digital) e *Scholarly Publications and Academic Resources Coalition* (Aliança Internacional de Bibliotecas Acadêmicas e de Pesquisa). Uma abordagem para melhorar a relação custo/ benefício do acesso à pesquisa gerada pelo corpo docente da universidade é o estabelecimento de 'arquivos institucionais'. Cinco anos atrás, se alguém tivesse perguntado a um bibliotecário de universidade, membro do corpo docente, ou administrador, se a universidade tinha um arquivo institucional, eles teriam pensado em arquivos universitários tradicionais. Esse tipo de resposta é cada vez menos frequente hoje em dia. Tem-se relacionado um arquivo institucional, em grande parte das vezes, à pesquisa publicada e não publicada, e aos bens digitais do corpo docente de uma determinada instituição, arquivo este mantido em servidores da universidade. Até recentemente, arquivistas não tinham muita consciência desses arquivos, ou mantinham-se alheios à discussão, ao desenvolvimento ou à sua formulação. No passado, a conversa envolvia principalmente os bibliotecários, tecnólogos de informação e professores. Clifford Lynch, diretor executivo da CNI, define o arquivo institucional de uma maneira geral como "um conjunto de serviços que a universidade oferece aos membros de sua comunidade para a gestão e disseminação de acervos digitais criados pela instituição e membros de sua comunidade. Mais essencialmente, é um compromisso organizacional com a administração desses acervos digitais, incluindo a preservação a longo prazo, quando adequada, bem como a organização, o acesso ou a distribuição"<sup>34</sup>. Lembrando que a inclusão do 'digital' é cabível nos arquivos acadêmicos. Outra definição enfatiza os arquivos institucionais como "serviços de distribuição e gerenciamento que as universidades têm estabelecido para: (1) coletar o

---

<sup>34</sup> LYNCH, Clifford A., "Institutional Repositories: Essential Infrastructure for Scholarship in the Digital Age," *ARL Bimonthly Report* 226 (February 2003): 2, <http://www.arl.org/ncwsltr/226/ir.html>.

trabalho de professores para a disseminação e gestão, e (2) armazenar a vida cultural do *campus*"<sup>35</sup>.

Tal como os bibliotecários estão trabalhando para garantir um papel contínuo e importante no mundo digital, assim também devem trabalhar os arquivistas, a pena dos tornarem os arquivos, simplesmente, em depósito para documentos analógicos, majoritariamente papel, num mundo digital, em que nós, arquivistas, seremos, eventualmente, responsáveis por quantidade decrescente de informações institucionais. O arquivista Robert Spindler, da Universidade do Estado do Arizona, recentemente, observou que "no momento, os arquivistas têm uma oportunidade seminal de atrair investimento para algumas das funções arquivísticas essenciais, e trabalhar com bibliotecários, profissionais de tecnologia, os gestores de documentos, administradores de pesquisa, professores e editoras universitárias, no desenvolvimento de arquivos institucionais... O trabalho de adquirir, preservar e tornar as publicações universitárias disponíveis já não é mais apenas do domínio dos arquivistas; agora, nós temos muitos mais aliados e algumas ferramentas muito sofisticadas para atingir as metas que compartilhamos com as nossas universidades e o público em geral"<sup>36</sup>.

Embora ainda seja verdade que as instituições estão mantendo, em grande parte, informações importantes tanto em forma digital quanto impressa, a direção da mudança para o sistema digital é clara. As universidades estão sempre buscando manter seus sites atualizados com novos conteúdos e novos formatos. À medida que novos programas são desenvolvidos, a universidades rapidamente desenvolvem sua presença na *web*, e à medida que programas alteram ou acabam, elas rapidamente desativam seus sites. Onde é que o registro dessa atividade está sendo preservado? Pode ser através de um sistema de gestão de

---

<sup>35</sup> LYNCH, Clifford A. "Digital Learning Cultures in the Information Landscape," *Campus technology* (December 2004): 9, <http://campuslechnology.com/article.asp?id=103028p=9>.

<sup>36</sup> SPINDLER, Robert P. "Electronic Publishing, E I'D's and Institutional Repositories," May 1, 2005, <http://www.public.asu.edu/~spindler>. Spindler observa que a primeira sessão dedicada aos arquivos institucionais ocorreu na reunião anual do SAA em agosto de 2004. O autor fornece algumas sugestões específicas sobre a implementação de arquivos institucionais no seu projeto de artigo "Institutional Repositories and the Market of Ideas." Ver também uma análise criteriosa sobre essa questão apresentada por Douglas Bieknese, "Institutional Repository: What Is the Role of University Archives with an Institution's On-line Digital Repository?" *Archival Issues* 28 (2003/2004): 81-93.

documentos institucionais, mas isso não tem ocorrido até o momento. Em vez disso, tais informações têm sobrevivido porque alguns arquivistas escolheram quais sites devem ser capturados de forma regular, devido à sua importância ou atualidade. Contar com os departamentos de criação para preservar seus sites é provavelmente irrealista, uma vez que esses sites são muitas vezes mantidos por funcionários estudantis e os arquivos provavelmente são substituídos quando o novo arquivo é carregado.

Na Universidade Marquette, o arquivista da universidade tem se concentrado em determinados sites. Como a universidade estava eliminando o seu programa de higiene dental, ele capturou o site daquele departamento. Assim como em outras instituições, a universidade tem se empenhado em discussões como o nome do mascote e da equipe atlética, muitas das quais não têm sido registradas no jornal do *campus* ou nas atas oficiais do conselho dos curadores. O arquivista também teve acesso a esta informação por meio do site da universidade. Os arquivos também estão trabalhando para capturar informações sobre a vida estudantil por meio de sites de organizações estudantis, muitas das quais se encontram fora do "domain" do site da universidade e têm vida curta.

Documentar a vida estudantil é vital para compreender instituições acadêmicas, mas a coleta dessas informações apresenta muitos desafios, como a ausência de documentos escritos relativos a um longo período de tempo. Talvez o esforço mais abrangente, até hoje, seja o projeto *Student Life and Culture Archival Program* (Vida Estudantil e Programa de Arquivo Cultural) da Universidade de Illinois, onde a doação de um ex-aluno tem financiado o serviço de um profissional, em tempo integral, desde 1991. Conquanto não documente sistematicamente o que realmente se passou em sala de aula ou a qualidade da escrita e o método de aprendizagem, irá se perder, essas informações contêm um impressionante e extenso acervo de recordações, fotografias, diários, coisas efêmeras, e rascunhos que refletem a vida estudantil. O guia do acervo também identifica os documentos nas diversas repartições da universidade, tais como aqueles de assuntos acadêmicos e de serviços administrativos, os quais têm relação direta com a vida estudantil. Isso pode servir como um

modelo para a identificação da gama de material necessária para documentar a vida estudantil<sup>37</sup>.

A criação de acervos, especialmente no ambiente *on-line*, tem atraído o interesse de não-arquivistas, e isso abre uma outra via para a cooperação e uma oportunidade para se beneficiar do trabalho dos outros. Um exemplo seria o trabalho de David Kirsch, professor assistente de gestão da Universidade de Maryland em College Park, de documentar a ascensão e a queda de negócios relacionados à Internet, entre 1996 e 2002. Até o presente momento, os arquivos em posse daquela universidade contêm informações sobre mais de duas mil empresas, das quais, quase a metade, possui documentação relevante, tais como planos de negócios e sumários executivos. Ele também está coletando histórias orais de executivos e investidores, substancialmente financiados por uma doação de 300 mil dólares da Fundação Alfred P. Sloan e 235 mil dólares da Biblioteca do Congresso. O professor Kirsch já está usando o material como estudo de caso em suas disciplinas de administração de negócios. Desde que ele começou este arquivo em 2002, tem crescido de tal modo que, agora, ele tem 39 mil usuários registrados de setenta países. O professor Kirsch afirma incisivamente que "normalmente, arquivistas e estudiosos esperam que os documentos do passado desçam em cascata, por meio de várias mãos, ao submundo dos arquivos históricos. Com os documentos digitais, nós não podemos nos dar ao luxo de esperar"<sup>38</sup>.

### **Colaboração**

Nenhuma instituição, por si só, está em posição de lidar com a multiplicidade de desafios e oportunidades criados pela revolução digital - a onipresença dos dispositivos de computação e comunicação, o aumento das expectativas do usuário quanto ao acesso e à privacidade, a fragilidade de armazenamento de informação e a obsolescência de equipamentos. A Seção "Faculdade e Universidade" da SAA poderia desempenhar um papel

---

<sup>37</sup> "Student Life and Culture Archival Program of the University of Illinois Archives," <http://www.library.uiuc.edu/archives/slc>.

<sup>38</sup> MANGAN, Katherine S. "Creating an Archive of Failed Dot-Coms," *Chronicle of Higher Education* 51 (April 15, 2005): A29—30, <http://businessplanarchive.org>.

útil aqui como uma câmara de compensações, mantendo seus membros informados sobre as atividades inovadoras de parceria e aquelas realizadas no âmbito do campus. As circulares daquela seção poderiam ser um veículo para esse tipo de informação, mas a sua frequência de publicação pode não ocorrer em tempo suficientemente hábil e seria necessário mudar o seu foco. A "listserv" da seção fornece um mecanismo em potencial, mas essa lista precisaria mudar o seu propósito atual, que se restringe a configurar-se em uma lista de anúncios para a SAA e para a chefia da seção, sem conferir aos membros a possibilidade de inserir informações na lista.

Uma solução mais complicada para difundir essa informação seria por meio das listas eletrônicas "Arquivos e Arquivistas" da SAA, mas essa solução padece do mesmo problema de tantas outras listas eletrônicas - muito debate e opinião sem conteúdo substantivo suficiente.

Tendo em conta que os membros reúnem entre si uma representatividade de ampla gama de educação, experiência e tipos de depósitos de arquivos, lograr uma discussão focalizada é tarefa problemática, na melhor das hipóteses.

A discussão em grupos menores, realizadas durante o encontro anual da SAA, oferecem espaço para acompanhar a inovação e o desenvolvimento de novas formas de colaborar. As sessões recentes têm sido práticas e úteis, lidando com armazenamento, gestão de documentos ou instrumentos de pesquisa *on-line*. Os programas das sessões na reunião anual da SAA apresentam oportunidades para o compartilhamento de pesquisas, mas isso depende das propostas de programas de voluntários e dos comitês. Por exemplo, em 2004, 2005 e 2006, enquanto havia muitas sessões que beneficiavam os arquivistas de faculdades e universidades, poucas lhes eram dirigidas diretamente e, na maioria das vezes, tratavam de uma única questão emergente - o desenvolvimento de arquivos institucionais<sup>39</sup>.

No entanto, as circulares, as listas eletrônicas de discussão, as sessões de trabalho em grupos reduzidos e a sessão anual ainda não abordaram as questões mais amplas de como a tecnologia, a prestação de contas e a evolução do papel da educação superior afetam o nosso

---

<sup>39</sup> SAA's 68th Annual Meeting, Boston 04 (August 2-8, 2004); SAA's 69th Annual Meeting, New Orleans '05 (August 14-20, 2005); SAA's 70th Annual Meeting Program, Washington 06 (July 30—August 5, 2006).

papel como arquivistas de faculdades e universidades; tampouco têm explorado, de forma adequada, programas inovadores ou os esforços de documentação colaborativa. A Seção *College and University* poderia identificar bons exemplos excepcionais de diferentes formas de documentação *on-line* que seriam atualizadas regularmente. Os exemplos poderiam incluir exposições *on-line*, o uso de formatos especiais, técnicas de exibição, recursos de indexação e de pesquisa, e assim por diante. Da mesma forma, a identificação de "boas práticas" de várias instituições na implementação de "Diretrizes para Arquivos de Faculdades e Universidades" da SAA (maio de 2005) seria particularmente útil para "os arranjadores solitários" e para os novatos na profissão. Por enquanto, não há nenhuma maneira fácil de encontrar bons exemplos, exceto procurar *sites específicos* de arquivos acadêmicos. Isso requer tempo e conhecimento consideráveis para determinar quais são os melhores exemplos<sup>40</sup>.

A tentativa de desenvolver estratégias de documentação dentro das regiões ou estados tem tido algum sucesso que será possível estender esse conceito de forma a incluir não apenas os métodos de documentação (o quê e como coletar), mas também como organizar os documentos e disponibilizá-los de forma mais ampla. Por exemplo, analisar o debate atual sobre a avaliação dos resultados da aprendizagem dos alunos poderia ser mais fácil resolver, caso ainda existissem, documentos confiáveis referentes ao desempenho dos alunos, para revelar suas habilidades de escrita e compreensão de texto. Apenas comparar notas ao longo do tempo pouco faz para remover a subjetividade do julgamento. As cópias e trabalhos escritos de estudantes realizados ao longo do tempo, porém, fornecem evidência tangível de como os estudantes de hoje se comparam com aqueles de uma geração anterior, sem levar em conta a possível inflação de notas. Na verdade, esse procedimento evidenciaria se os estudantes de hoje têm mais habilidade de escrita e de compreensão de texto que em comparação com os alunos de 30 anos atrás ou se eles têm apenas notas mais altas. Líderes educacionais, professores, agências de financiamento de crédito estudantil, governo, ex-

---

<sup>40</sup> Ver, por exemplo, Elizabeth Sudduth, Nancy Newins, and William Sudduth, *Special Collections in College and University Libraries* (Chicago: College Library Information Packet Committee, College Libraries Section, Association of College and Research Libraries, a division of the American Library Association, 2004). O conjunto de materiais SPEC são publicados por *Office of Leadership and Management Services* of the Association of Research Libraries, Washington, DC.

alunos e alunos, todos têm o interesse em descobrir a resposta a essa questão, mas a documentação que auxiliaria a respondê-la não foi preservada.

Isso não significa que cada instituição precise desenvolver um elaborado sistema para documentar a aprendizagem dos alunos. É provável, por exemplo, que instituições similares como as universidades católicas, as faculdades particulares de elite no "Oberlin Group," ou o grupo das dez universidades pertencentes ao Comitê de Cooperação Institucional concordariam com uma estratégia em que algumas instituições criassem ou preservassem determinado material, de modo que nem todas as instituições precisassem fazer o mesmo. Considere, por exemplo, o debate sobre a inflação das notas. É notório que o número de estudantes formando-se com "louvor" é maior do que em qualquer momento do passado. A pergunta que se apresenta é: por que está acontecendo esse fenômeno? Tendo em conta que é um fenômeno é generalizado, é pouco provável que a explicação seja diferente para cada faculdade. A documentação existente em algumas instituições poderia revelar-se adequada. Mas, a menos que os arquivistas se envolvam nessas questões e decidam como compartilhar esse tipo de trabalho, vamos continuar a depender de estratégias idiossincráticas elaboradas por arquivistas individuais.

Os arquivistas das faculdades e universidades percorreram um longo caminho desde que eu escrevi sobre a expansão do papel dos arquivos acadêmicos em 1976. O crescimento de disciplinas de educação em arquivo e o aumento dramático de publicações relevantes têm melhorado a educação dos arquivistas e a base de conhecimentos sobre a qual a profissão pode construir. Monografias importantes como *O Gerenciamento de Arquivos de Faculdades e Universidades*, de William Maher, e *Insígnias de Tempos Universitários*, de Helen Samuels, foram escritas no início da revolução digital. No entanto, muito do que eles têm escrito continua a guiar-nos agora. A discussão de Samuels sobre o ato de documentar os resultados de aprendizagem e de ensino, por exemplo, é especialmente relevante no atual ambiente de avaliações<sup>41</sup>. Entretanto, dadas as mudanças ocorridas desde 1992, ano de publicação dessas obras, chegou a hora de realizar-se uma revisão ou de construir-se sobre essa importante

---

<sup>41</sup> Helen Willa Samuels, *Varsity Letters: Documenting Modern Colleges and Universities* (Metuchen, NJ: Society of American Archivists and The Scarecrow Press, 1992), 68-72.

fundação, a partir do trabalho de outros autores<sup>42</sup>. As Diretrizes para Arquivos de Faculdades e Universidades da SAA demonstram o quanto as coisas têm mudado desde a sua última revisão em 1999. Pode ter chegado o momento para novas versões digitais das obras de Maher e Samuels, a serem mantidas atualizadas em um ambiente de rápida mudança.

## CONCLUSÃO

De todos os conselhos que transmiti há trinta anos, talvez o mais relevante, em relação àquilo que sugeri aqui, seja a minha conclusão anterior: "Todas essas ideias sobre serviços e pesquisas apontam para um papel mais amplo e mais ativo do arquivista nas faculdades e universidades... Essas sugestões devem ser consideradas com cautela. Nenhuma instituição tem recursos humanos ou financeiros suficientes para realizar todos esses projetos." Essa cautela não deve, contudo, impedir-nos de experimentar, e iniciar novos métodos de documentação, de forma seletiva. O papel de um arquivista, afinal de contas, é *documentar* e, não simplesmente, de *recolher* documentos. Quando os documentos oficiais são insuficientes para registrar as principais atividades da universidade, dos seus alunos, e de seus professores, o arquivista deve encontrar maneiras de preencher essa lacuna. Assim, concluo como fiz em meu artigo anterior: "As perguntas que um arquivista deve fazer são: Esses serviços valem a pena? Ajudam a documentar a história da faculdade ou universidade ou do ensino superior em geral? Se a resposta a qualquer uma das perguntas for 'sim', então, os arquivistas de universidades devem agir"<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Ver, por exemplo, MCFARLAND, Colleen. "Documenting Teaching and Learning: Practices, Attitudes, and Opportunities in College and University Archives," *Archival Issues* 29 (2005): 19-43.

<sup>43</sup> Nicholas C. Burckel, "The Expanding Role of a College or University Archives," *Midwestern Archivist* 1 (Spring 1976): 3-15.

---

**NOTA SOBRE A TRADUÇÃO:** A tradução deste texto é resultado das atividades do grupo de pesquisa Fundamentos Históricos, Epistemológicos e Teóricos da Arquivologia (FHETA) da Universidade de Brasília (UnB), liderado pela Dra. Cynthia Roncaglio, professora da Faculdade de Ciência da Informação (FCI/UnB) e Diretora do Arquivo Central da UnB, com participação da Dra. Shirley Carvalhêdo Franco, professora licenciada da FCI/UnB.

O texto foi publicado originalmente como Capítulo 1 do livro *College and University Archives: Readings in Theory and Practice* (2008), organizado por Christopher J. Prom e Ellen D. Swain e editado pela Society of American Archivists (SAA), a quem agradecemos a autorização para publicação da versão em língua portuguesa.

---

## **INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA**

**ISSN 2316-7300**

**v. 4, n. 2, jul./dez. 2015**

[www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica](http://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica)

[informacaoarquivistica@aaerj.org.br](mailto:informacaoarquivistica@aaerj.org.br)

---

*Informação Arquivística* é um periódico científico eletrônico semestral da Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (AAERJ), que contempla a publicação e a divulgação de trabalhos e pesquisas relacionadas ao campo da Arquivologia e suas relações interdisciplinares, no âmbito nacional e internacional.

### **CONSELHO EDITORIAL**

Ma. Aluf Alba Vilar Elias

Ma. Lucina Ferreira Matos

Dr. Roberto Lopes dos Santos Junior

Ma. Vanessa de Arruda Jorge

Bel. Wagner Ramos Ridolphi

Me. Welder Antônio Silva

### **CONSELHO CONSULTIVO**

Dr. Adalson de Oliveira Nascimento

Dra. Ana Celeste Indolfo

Dra. Ana Célia Rodrigues

Dra. Angélica Alves da Cunha Marques

Dra. Anna Carla Almeida Mariz

Dr. Armando M. B. Malheiro da Silva

Dra. Cândida Fernanda Antunes Ribeiro

Dr. Carlos Blaya Perez

Dra. Clarissa Moreira dos Santos Schmidt

Dr. Daniel Flores  
Dra. Eva Cristina Leite da Silva  
Dra. Georgete Medleg Rodrigues  
Dra. Ivana Denise Parrela  
Dr. José Maria Jardim  
Dra. Katia Isabelli de B. M. de Souza  
Me. Leandro Ribeiro Negreiros  
Dra. Lídia Silva de Freitas  
Dra. Luciana Quillet Heymann  
Dr. Moisés Rockembach  
Dra. Natália Bolfarini Tognoli  
Dr. Paulo Roberto Elian dos Santos  
Dr. Renato Tarciso Barbosa de Sousa  
Dra. Rosely Curi Rondinelli  
Dr. Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva  
Dr. Sérgio Conde de Albite Silva  
Dr. Thiago Henrique Bragato Barros  
Dr. Vanderlei Batista dos Santos  
Dr. Vitor Manoel Marques da Fonseca

#### **AVALIADORES DESTA EDIÇÃO**

**Adalson de Oliveira Nascimento** - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/4162674522016220>>

**Ana Celeste Indolfo** - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)  
Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/8294828055636714>>

**Ana Célia Rodrigues** - Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6919374280380925>>

**Anna Carla Almeida Mariz** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)  
Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3542831487060438>>

**Cândida Fernanda Antunes Ribeiro** - Universidade do Porto, Portugal

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5228876940143478>>

**Clarissa Moreira dos Santos Schmidt** - Universidade Federal Fluminense (UFF)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/9398149996443387>>

**Eva Cristina Leite da Silva** - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5163191593965425>>

**Georgete Medleg Rodrigues** - Universidade de Brasília (UnB)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3170566653824541>>

**Ivana Denise Parrela** - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6442935126020226>>

**José Maria Jardim** - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3804765278248712>>

**Katia Isabelli de Bethania Melo de Souza** - Universidade de Brasília (UnB)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0592272152617375>>

**Leandro Ribeiro Negreiros** - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/2161537467725282>>

**Lídia Silva de Freitas** – Universidade Federal Fluminense (UFF)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1168388763137714>>

**Moisés Rockembach** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1304688580274983>>

**Natália Bolfarini Tognoli** - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5668344562019395>>

**Renato Tarciso Barbosa de Sousa** - Universidade de Brasília (UnB)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/9941441906608746>>

**Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva** - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/637668379484071>>

**Thiago Henrique Bragato Barros** - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0339496971217162>>

**Vitor Manoel Marques da Fonseca** – Universidade Federal Fluminense (UFF)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/9975130082216971>>

## TRADUÇÃO

Grupo de pesquisa Fundamentos Históricos, Epistemológicos e Teóricos da Arquivologia (FHETA):

**Cynthia Roncaglio** - Universidade de Brasília (UnB) – Líder do Grupo

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/7471330631188406>>

**Shirley Carvalhêdo Franco** - Universidade de Brasília (UnB)

Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/9454967327240642>>

## REVISÃO DOS TEXTOS

Marisa Clara Rizzato do Valle



**Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (AAERJ)**

Caixa Postal 50076

CEP 20050-971 – Rio de Janeiro-RJ

[aaerj@aaerj.org.br](mailto:aaerj@aaerj.org.br)

[www.aaerj.org.br](http://www.aaerj.org.br)

I43 Informação Arquivística: revista da Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (AAERJ). v. 1, n. 1 (jul./dez. 2012) - Rio de Janeiro: AAERJ, 2012 –

Semestral

ISSN 2316-7300

Versão eletrônica disponível em:

<http://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica>

1. Arquivologia - Periódicos. 2. Ciência da Informação - Periódicos. I. Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (AAERJ).

CDD 020